

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

GLÁUCIA BORGES FERREIRA DE SOUZA

**MOTIVAÇÃO DA FIDELIDADE RELIGIOSA: UM ESTUDO DE CASO  
DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL**

GOIÂNIA  
2018

GLÁUCIA BORGES FERREIRA DE SOUZA

**MOTIVAÇÃO DA FIDELIDADE RELIGIOSA: UM ESTUDO DE CASO  
DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião. Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade.

Orientador: Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos.

GOIÂNIA  
2018

S729m	Souza, Glaucia Borges Ferreira de
eletrônico]:	Motivação da fidelidade religiosa [recurso
Brasil/	um estudo de caso da Congregação Cristã no
	Glaucia Borges ferreira de Souza.-- 2018.
	89 f.; il.
Católica	Texto em português com resumo em inglês Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade
	de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2018
	Inclui referências f.84-86
Movimento	1. Congregação Cristã no Brasil. 2. Dogma. 3.
	da fé (Pentecostalismo). 4. Pentecostalismo. I.Passos, Paulo Rogério Rodrigues. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.
	CDU:
279.125(043)	

**MOTIVAÇÃO DA FIDELIDADE RELIGIOSA: UM ESTUDO DE CASO DA  
CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL**

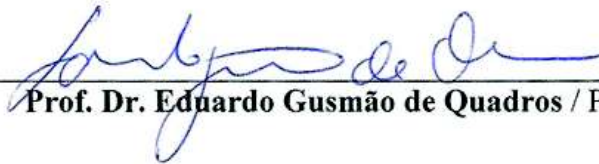
Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 28 de fevereiro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Presidente)**



---

**Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás**



---

**Profa. Dra. Iêda Rubens Costa / UNI-ANHANGUERA**

---

**Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás (Suplente)**

---

**Profa. Dra. Ângela Teixeira de Moraes / UFG (Suplente)**

Dedico esta dissertação àqueles que buscam conhecer a denominação Congregação Cristã no Brasil, primeira igreja pentecostal instituída no Brasil.

Agradeço às pessoas que gentilmente se prestaram a me ajudar nesta empreitada da investigação científica no campo religioso.

*Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes (Paulo Freire).*

## RESUMO

O objeto deste estudo é a Congregação Cristã no Brasil e sua manutenção tradicional no mercado religioso que apresenta sua expansão, seus processos dogmáticos. Os objetivos são analisar as motivações dos fiéis em ser frequentadores da Igreja CCB; como se dá o vínculo institucional entre os membros; compreender as demandas coletivas que transitam em um sentido de autonomização e empoderamento individual; contribuir com o debate sobre as questões fluídas do mercado religioso. A problematização parte do pressuposto de que a CCB se apresenta no campo religioso como *locus* de proteção para seus membros. Com sua doutrina tradicional, eles acreditam estar livres do engano da realidade ameaçadora do mundo. Como hipótese, discute-se acerca da motivação de as pessoas seguirem dogmas mais rígidos para se sentirem em segurança, diante da religiosidade multifacetada na contemporaneidade: o pensamento da segurança *versus* o da liberdade entra em jogo para direcionar as escolhas.

**Palavras-chave:** Dogma religioso fechado. Motivação de fé. Religião pentecostal. Tradição da CCB.



## **ABSTRACT**

The object of this study is the Christian Congregation in Brazil and its traditional maintenance in the religious market that presents its expansion dogmatic processes. The objectives are to analyze the motivations of the faithful to be members of the CCB; as is the institutional link between the members; understand the collective demands that move in a sense of autonomy and individual empowerment; contribute to the debate on the fluid issues of the religious market. The problematization is based on the assumption that the CCB presents itself in the religious field as a locus of protection for its members. With its traditional doctrine, they believe they are free from the deception of the world's threatening reality. As a hypothesis, it is discussed about the motivation of people to follow more rigid dogmas to feel safe, in face of the multi-faceted religiosity in the contemporaneity: the thought of security versus that of freedom comes into play to direct the choices.

**Keywords:** Closed religious dogma. Motivation of faith. Pentecostal religion. Tradition of the CCB.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Página do <i>instagram</i> criada por membro da CCB .....	66
<b>Figura 2:</b> Imagens da CCB .....	67
<b>Figura 3:</b> Imagens e localização da CCB .....	68
<b>Figura 4:</b> <i>Sítes</i> sobre a CCB .....	69
<b>Figura 5:</b> <i>Site</i> de localização da CCB .....	70

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Pergunta sobre gênero .....	53
<b>Gráfico 2:</b> Pergunta sobre idade.....	53
<b>Gráfico 3:</b> Pergunta sobre a escolaridade .....	54
<b>Gráfico 4:</b> Pergunta sobre a renda .....	55
<b>Gráfico 5:</b> Pergunta sobre acesso à informação .....	56
<b>Gráfico 6:</b> Pergunta sobre a relação que a pessoa pode ter com o mundo .....	57
<b>Gráfico 7:</b> Opinião sobre certas ações no mundo .....	57
<b>Gráfico 8:</b> Percentual dos que acham que a igreja protege do mundo.....	58
<b>Gráfico 9:</b> O que pode representar ameaças à vida.....	59
<b>Gráfico 10:</b> O que os adeptos buscam na CCB.....	60
<b>Gráfico 11:</b> O que mais representa a CCB? .....	61

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Assembleia Cristã
AD	Assembleia de Deus
CC	Congregação Cristã
CCB	Congregação Cristã no Brasil
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
MS	Ministério da Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1 CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO AVIVAMENTO À INSTITUCIONALIZAÇÃO .....	17
<b>1.1 Contextualização do Campo Religioso Brasileiro na Primeira Onda do Pentecostalismo .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 A Formação da Comunidade Religiosa e a Fundação da Primeira Igreja Pentecostal no Brasil .....</b>	<b>22</b>
<b>1.3 Expansão e Projeção da Congregação Cristã no Brasil.....</b>	<b>25</b>
<b>1.4 Estrutura, Doutrina e Liturgia da Congregação Cristã no Brasil .....</b>	<b>27</b>
<b>1.5 O <i>Ethos</i> Religioso da Igreja do Véu com seus Hábitos e Costumes....</b>	<b>43</b>
2 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.....	48
<b>2.1 Processos e Procedimentos Iniciais para o Desenvolvimento da Pesquisa de Campo.....</b>	<b>48</b>
<b>2.2 A Metodologia da Pesquisa .....</b>	<b>49</b>
<b>2.3 Características e Singularidades do Campo Empírico .....</b>	<b>50</b>
<b>2.4 Coleta e Tabulação dos Dados .....</b>	<b>52</b>
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS E PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA.....	62
<b>3.1 As Motivações Individuais dos Membros da CCB numa Perspectiva Socioeconômica .....</b>	<b>62</b>
<b>3.2 Incertezas da Vida para Influências na Vinculação Institucional .....</b>	<b>72</b>
<b>3.3 A Comunidade como Refúgio Simbólico para os Membros .....</b>	<b>77</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS .....	87

## INTRODUÇÃO

O universo religioso é oferecido de várias formas, com práticas de uma religiosidade que podem ser vistas sob diferentes óticas pela infinidade de possibilidades de perceber a salvação. Diante da variedade, há os que questionam, os que não se posicionam frente à gama religiosa e outros que se inserem no universo da religião por inteiro. Os preceitos de cada fenômeno são seguidos pelos fiéis que ajudam no nascimento de credos e conservam a tradição, como é o caso da Congregação Cristã no Brasil (CCB) que se mostra com dogmas: crenças/doutrina impositivas incontestáveis, uma característica tradicional do aspecto pentecostal.

O movimento pentecostal surgiu em decorrência dos movimentos iniciados nos Estados Unidos. O Pentecostalismo adentrou ao Brasil, em 1910, e o Neopentecostalismo, de acordo com Mariano (1999), surgiu em meados da década de 1970. A observância do comportamento dos membros da instituição pentecostal CCB abrange seus costumes, hábitos, valores, estética que são pontuados como forma de identificar e analisar como se dá o fortalecimento da denominação.

Pensando nessa questão de religião conservadora, da defesa da manutenção das instituições sociais tradicionais: de família, comunidade, religião, usos e costumes a CCB é o objeto deste estudo, focalizando como ela se mantém e expande-se no mercado religioso. É considerada a primeira igreja pentecostal do País que ainda conserva características das origens de sua fundação no Brasil. Mantém sua estrutura, doutrina, liturgia e *ethos* (hábitos e costumes), sendo uma instituição fechada às mudanças culturais e sociais que tendem a permear os ritos das igrejas.

A perspectiva do estudo aponta como objetivos analisar as motivações pessoais dos fiéis de ser frequentadores da Igreja CCB, como se dá o vínculo institucional estabelecido entre os membros para compreender quais as demandas coletivas transitam em um sentido de autonomização e empoderamento individual. Objetiva-se também contribuir com o debate sobre as questões fluídas do mercado religioso que apresentam características marcantes.

Alguns dos referenciais teóricos para tratar desse panorama de religião fluida e com aparência de (des)institucionalizada são Berger (1985), Bauman (2009), entre

outros. A CCB é uma agremiação religiosa de viés tradicional que se destaca por se manter “fechada”, quanto às regras do plano mercadológico, proselitista e midiático. Conhecida popularmente por Igreja do Véu, ela é notada na sociedade pós-moderna, capitalista e tecnológica como diferente das outras de mesmo seguimento. O cenário religioso propõe viver no distanciamento daquilo que entende ser perigoso para a manutenção de seu dogma originário.

A pesquisa buscou em sua metodologia agregar estudos do banco de teses e dissertações da Academia Científica das Ciências da Religião da PUC Goiás. Entretanto, apesar de ter várias pesquisas sobre o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo no Brasil, não foram encontradas investigações com o tema CCB, além de um artigo, que aborda a CCB, da sua chegada, fundação e expansionismo no Brasil. O artigo está publicado na obra *Pentecostalismo Globalizado*, tendo como organizadores Alberto da Silva Moreira e Pino Lucà Trombeta (2015). Destacam-se os autores Yara Nogueira Monteiro (2010), Paul Freston (1994), Alberto Antoniazzi (1994) e Ricardo Mariano (1999), Amaral (2002), Gedeon Freire de Alencar (2013), que contribuem para a compreensão da construção e identidade da CCB, apontando para o conhecimento sobre estrutura, funcionamento da liderança, doutrina, liturgia e a vida dos religiosos em suas relações com o *lòcus* dos rituais e com o mundo.

A problematização desta pesquisa parte do pressuposto de que a CCB se apresenta ao campo religioso como refúgio à fluidez do universo neopentecostal, tendo em vista que sua doutrina tradicional oferece, além dos serviços religiosos convencionais, proteção e segurança espiritual e pragmática a seus membros. Estes acreditam estar cercados por uma realidade ameaçadora e enganosa do movimento neopentecostal e do mundo.

Como hipótese, é importante discutir acerca da motivação das pessoas seguirem determinada denominação religiosa, em meio a uma sociedade multifacetada na contemporaneidade. As religiões ofertam seus dogmas no mercado consumidor, destacando-se conforme seus ritos que as caracterizam. Para Bauman (2003), o pensamento da segurança *versus* o da liberdade e vice-versa atuam em polos diversos para direcionar as escolhas. A busca por um refúgio religioso ao invés de outro se dá de acordo com as conveniências do momento ou por questões tradicionais aprendidas no seio familiar.

A CCB constitui-se como uma denominação que não segue os mesmos passos das demais do seu mesmo segmento, não fazendo uso das mídias de massa para a propagação dos seus dogmas. Ela adota usos e costumes rígidos e ainda assim apresenta crescimento em sua membresia nas últimas décadas, conforme aponta o IBGE, pelo Censo Demográfico entre 2000 e 2010 no município de Goiânia, nos anexos.

A CCB parece estar na “contramão” das estratégias aventadas majoritariamente pela maioria das denominações no sentido de ampliação dos seus espaços de poder. Essa denominação cresce numericamente atendendo certas demandas apresentadas pelos participantes da pesquisa de campo, mostrando sua expansão, conforme se verifica pelo número de templos construídos não só no Brasil, mas em outros países.

O conjunto de ofertas religiosas pode deixar os indivíduos confusos quanto às suas escolhas, porém muitas igrejas continuam em ascensão como a CCB, destinando-se a um público específico. Desse modo, no primeiro capítulo, faz-se uma breve abordagem histórica do surgimento da primeira onda do Pentecostalismo no Brasil tendo como centralidade a CCB. A contextualização desse campo religioso abrange a formação, a fundação, o expansionismo - ligado ao seu fundador italiano em busca de seus pares (comunidades italianas pelo mundo) - e suas peculiaridades em relação à estrutura, doutrina, liturgia, seus hábitos e costumes relacionados ao seu *ethos* religioso.

O segundo capítulo apresenta a metodologia aplicada para mostrar o desenvolvimento do estudo e seus resultados. O texto discorre desde a submissão até a aprovação no Comitê de Ética, que serve para resguardar e demonstrar a seriedade da investigação. A coleta de dados se envolve com problemas de ordem emocional de maneira responsável, atendendo ao que exige para o campo empírico. Com o recurso de questionários, foram estruturadas 11 perguntas fechadas, fazendo observação da oralidade das conversas (MEIHY, 1996). Foi utilizada também a aplicação da técnica escuta ativa, ou seja, escutar ativamente, memorizar, para reformular as ideias posteriormente, pois os dados fornecidos pelos membros foram analisados de forma fidedigna. Os participantes relatavam suas experiências na denominação, sendo essencial por ser uma “história anedótica”, ou seja, com pouca fonte escrita/documentada. Assim, o trabalho foi voltado para análise do



comportamento da membresia e suas demandas. Diferentemente de uma entrevista, não houve necessidade de os relatos serem transcritos.

O recurso metodológico do campo, utilizando-se a ferramenta de questões a serem respondidas, foi de suma importância para a pesquisa, com intuito de chegar ao resultado diante dos objetivos propostos. Um dos maiores desafios da pesquisa se constituiu na abordagem dos participantes, por se mostrarem avessos à tal participação, por orientação de seus líderes. Em qualquer situação, são orientados a pedir direcionamento e aconselhamento de seus atos, isso ora dificultou, ora impediu a apreensão da real motivação de serem membros e frequentadores da CCB.

O terceiro capítulo analisou gráficos, relacionando-os aos resultados apreendidos da pesquisa, visando apresentar o levantamento dos dados com o aprofundamento teórico. Juntamente com as ideias weberianas, Bourdieu (1998, p. 35) aborda sobre a prática religiosa como legitimadora do *status* socioeconômico nas relações de classes, na perspectiva de salvação no contexto do Pentecostalismo e suas vertentes. Os critérios de dons espirituais são tidos como uma característica de institucionalização, como a glossolalia, o dom em falar em línguas ou dom da revelação e domínio.

Trabalhar a característica etnocêntrica da agremiação implica a compreender que isso pode estar associado a alguns elementos do fundamentalismo religioso, em consonância do obscurantismo e da intolerância/intransigência por parte de membros de determinada denominação. O fundamentalismo parte da ideia de que são os únicos predestinados ao Reino do céu, assim como a CCB alega. Tal afirmação abre questionamento daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista na perspectiva de Boff (2009, p. 49):

O fundamentalismo, portanto, não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, postura que exige contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade originária.

Numa retomada do indivíduo em buscar uma determinada denominação religiosa, o que ele experiencia pode ser sua razão de ser e ter uma identidade, um sentido de viver nos aspectos formadores do conceito de religião, segundo Geertz

(2001). O aspecto moral é trabalhado no âmbito da denominação CCB, o *ethos* do Pentecostalismo é uma característica que foi trazida do Protestantismo, sendo a matriz pentecostal/neopentecostal protestante.

A CCB, com seu simbolismo religioso tradicional e seu dogma impositivo ( não há possibilidade de questionar sua doutrina, é indiscutível), faz-se conhecida por usos e costumes que a caracterizam. O ornamento feminino estético tradicional e conservador do véu é uma espécie de identidade. Tal costume infere ser herança do Catolicismo que perdura nos fundamentos doutrinários e litúrgicos dessa comunidade. A CCB se apresenta com suas facetas demandantes da sociedade brasileira em tempos de (des)institucionalização e secularização religiosa, pois mantém sua tradição na atualidade.

## 1 CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO AVIVAMENTO À INSTITUCIONALIZAÇÃO

Neste capítulo, serão mostradas algumas percepções históricas da fundação e expansão da CCB. Uma breve análise cronológica do contexto histórico do Brasil em seu processo de colonização é de total relevância para contextualizar o movimento pentecostal. Com isso, a pesquisa está voltada para uma análise sociológica empírica dos frequentadores e membros da CCB. Por um lado, a Sociologia Compreensiva de Max Weber (1991) traz subsídios para entender o mundo social com base nas ações dos indivíduos inseridos no contexto. Por outro lado, de acordo com os apontamentos de Monteiro<sup>1</sup> (2010), em decorrência da colonização portuguesa, o território brasileiro passou a receber influência da cultura e Igreja Católica, a qual foi a religião oficial e única com liberdade de expressão dos ritos por quatro séculos que, por sua vez, pode ter influenciado movimentos religiosos como da CCB.

### 1.1 Contextualização do Campo Religioso Brasileiro na Primeira Onda do Pentecostalismo

A contextualização dos movimentos religiosos se dá por meio histórico entre os pentecostais do campo religioso brasileiro com o termo onda. Alguns grupos se adequam mais a uma “história anedótica” do que documental (ANTONIAZZI, 1994). A contribuição de Freston<sup>2</sup> (1994) é colocada na pesquisa pelo aprofundamento no estudo voltado para o Protestantismo brasileiro e seus contextos, didaticamente, sendo o primeiro a fazer uma divisão sobre o movimento pentecostal no Brasil pela utilização da palavra onda, porém essa referência foi utilizada inicialmente por David Martin, historiador norte-americano que formulou a “teoria das ondas” que,

---

<sup>1</sup> Yara Nogueira Monteiro será uma das autoras utilizadas na pesquisa em voga, pois publicou um artigo sob o tema “Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma igreja brasileira”, e de seu saber na área da religião. Mestre em História Social e Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo. Foi docente do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP. Coordenadora do módulo “Discriminação” do Laboratório de Estudos de Racismo, Etnicidade e Discriminação (LEER), da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Paul Freston contribui com a pesquisa em questão por meio de sua tese de doutorado em Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, intitulada “Protestantes e política no Brasil”; da qual Antoniazzi (1994) aborda o assunto em sua obra *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*.

posteriormente, foi adaptada ao Brasil pelo sociólogo Paul Freston. Mais amplamente, Alberto Antoniazzi (1994) atesta que a história mundial do Protestantismo é definida por três grandes ondas: a calvinista (puritana), a metodista e a pentecostal.

As religiões protestantes que deixaram um legado histórico são definidas como igrejas históricas, as pentecostais não se inserem em tal nomenclatura. Dessa forma, segundo Antoniazzi (1994), o grau de dificuldade em pesquisar sobre a CCB está, além do pouco material escrito documentado, no fato de que os seus membros tendem a ser fechados às entrevistas.

A primeira onda pentecostal do Brasil se refere à CCB e sua implantação no ano de 1910, quando se denominava somente por Congregação Cristã. Nesse primeiro momento, a Igreja foi enquadrada no rol do Pentecostalismo clássico, na leitura de Mariano (1999). Suas características fundamentalistas eram revivificadoras de atributos de total ascetismo e puritanismo. Os membros apreciam a crença predestinacionista (de origem calvinista) da maior força de expressão nos dons do Espírito Santo, com efeito exclusivista, de radical sectarismo e anticatolicismo. Além disso, seguiam seu ideal de antiguidade/pioneirismo, fazendo-se diferente das igrejas do mesmo movimento pentecostal no que tange à forma teológica, eclesiológica, institucional, social, estética e política.

Até início do século XIX, a Igreja Católica, tida como religião oficial do Brasil, passou a não ser a única a ter liberdade religiosa, pois foi permitida aos outros credos em virtude de interesses políticos. Para Monteiro (2010), tal liberdade não resultou de lutas ou reivindicações locais, mas ocorreu por exigência da Inglaterra. Quando, por ocasião da invasão francesa em Portugal, a corte lusitana se refugiou no Brasil sob a proteção da armada britânica. Nessa ocasião, diversos acordos foram firmados entre aquele país e Portugal e dentre eles constava a liberdade de culto, período denominado de “protestantismo étnico”.

No contexto do Protestantismo histórico, na leitura de Freston (1993, p. 43), o território brasileiro, em meados do século XIX, foi envolto pelo Protestantismo de imigração. A concepção era de igreja imigratória, de deixar seu espaço físico, geográfico e político e assumir em terras estrangeiras características fundantes de etnias próprias. Um grupo de pessoas de traços culturais tradicionais que se identificam com seus pares abarcou as dimensões da nova pátria.

Nesse período, ao norte dos Estados Unidos, acontecia um grande mover religioso, conhecido por movimento de santidade de várias denominações religiosas. O surgimento do Pentecostalismo se fez presente e aportou para as missões protestantes<sup>3</sup>. A abordagem histórica serve como forma de situar o tempo e o espaço de situações antagônicas. Os movimentos em localidades distintas deram suporte para o nascimento do Pentecostalismo e, por conseguinte, ao início da CCB e sua trajetória no Brasil.

Traçando um estudo genealógico da origem do Pentecostalismo nos Estados Unidos, por volta do ano de 1906, a descrição de Antoniazzi (1994) remonta a história ao avivamento herdado e descendente do metodismo wesleyano do século XVIII. Conceituado pela obra da graça, diferentemente da salvação que Wesley<sup>4</sup>, intitulava de “perfeição cristã”. O movimento de santidade cristã e da experiência do “batismo nas águas”, além de perpassar por várias denominações, produziu pequenos grupos separatistas chamados de *holiness*. Entre esses grupos, surgiu o Pentecostalismo, incluindo igrejas e líderes do movimento de santidade que foram de grande influência para o nascimento da Congregação Cristã.

Mariano (1999) aponta uma diferença das igrejas históricas para as pentecostais. Estas últimas acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que o Cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, falando com seus servos, e concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e de Sua inigualável bondade.

Nessas crenças, Monteiro (2010) aponta que muitos missionários surgiram e desbravaram-se pelo mundo levando suas convicções. William H. Durham, pastor da Igreja Batista de Chicago, frequentou várias reuniões na Azusa Street, que à época foi o marco do avivamento pentecostal do próprio reavivamento da Rua Azusa. Posteriormente, o movimento se direcionou para Chicago, cidade norte-americana de maior expressividade pentecostal. Seria por Durhan que Franscecon (precursor

---

<sup>3</sup> O chamado “protestantismo de missão” - congregacionais em 1855, presbiterianos em 1859, metodistas em 1867 e batistas em 1882.

<sup>4</sup> John Wesley eclesiástico da Igreja Anglicana foi o precursor do movimento de avivamento espiritual cristão definido por metodismo, ocorrido na Inglaterra do séc. XVIII, com ênfase na relação íntima do indivíduo com Deus, pautada na ética e moralidade cristã.

da CCB) conheceria o movimento e se fundamentaria nele para a construção do Pentecostalismo brasileiro.

A trajetória da origem da Igreja pesquisada está totalmente ligada ao de seu fundador emigrado Luis Francescon<sup>5</sup>. Nasceu em um lar católico, no dia 29 de março de 1866, em Cavasso Nuovo, província de Údine, na Itália. Contudo, muito embora tenha sido criado na cultura católica sua pertença era, em face de depoimento de sua irmã, apenas nominal, por não ser católico praticante (MONTEIRO, 2010).

Em decorrência da instabilidade do país de nascimento, pelo período de guerras, houve um considerável aumento de imigrantes em busca de uma vida melhor em locais longínquos. Monteiro (2010) atesta sobre a trajetória de Francescon: aos 15 anos foi para Hungria procurar trabalho, e em seguida voltou para Itália, cumpriu serviço militar e com quase 24 anos emigrou para os Estados Unidos. Chegou em 3 de março de 1890 e foi morar em Chicago, cidade com numerosa colônia italiana. Naquele mesmo ano, converteu-se ao Protestantismo e, em 1892, participou da criação da Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago. Ele dá o seguinte depoimento:

No mesmo ano (1890), ouvi o Evangelho por meio da pregação do irmão Miguel Nardi. Em dezembro de 1891 tive do Senhor a compreensão do novo nascimento. Em março de 1892, com o grupo evangelizado pelo irmão M. Nardi e algumas famílias da fé "Valdense" foi criada nesta cidade a primeira Igreja Prebisteriana Italiana, sendo o Sr. Filippo Grilli, pastor. Eu fui eleito um dos três diáconos, e após alguns anos, ancião (MONTEIRO, 2010, p. 128).

Sua experiência inicial serviu de base para outras mudanças em sua vida. Em 1903, Francescon foi batizado por imersão se desligando da Igreja Presbiteriana, pois é sabido que a mesma pratica batismo de aspensão (ato de borrifar/respingar água). Em decorrência do seu batismo nas águas, entendeu estar no seguimento das Escrituras Sagradas, aderindo-se às características pentecostais, cuja marca principal é o ato de falar em línguas.

A trajetória do fundador da CCB abrange seus relatos pessoais escritos em cartas, seus primeiros contatos do movimento de santidade que assolou os Estados Unidos, dos primórdios pentecostais de santidade e fervor no Espírito Santo, e do

---

<sup>5</sup> Aliás, acerca de seu nome, existem grafias diferentes, como Luigi, Luiz, Louis (MONTEIRO, 2010).

expansionismo. O comportamento de Franscescon é analisado por sua motivação em se fidelizar na denominação pesquisada.

Por meio de Franscescon, houve disseminação, implantação e expansão<sup>6</sup> da primeira onda pentecostal em terras brasileiras. O movimento aqui partiu do eixo paulista, inicialmente limitado aos protestantes de missões, e expandiu-se para todos os continentes, tendo em vista o mover e o avivamento norte americano. Diante disso, é possível contextualizar a formação e a fundação da CCB que foi marco da primeira onda percorrida anteriormente. Nota-se que sua fundação não foi resultado de uma ação missionária, e sim de uma missão pessoal, financiada pelo próprio fundador da agremiação primeva no Brasil de características pentecostais.

## **1.2 A Formação da Comunidade Religiosa e a Fundação da Primeira Igreja Pentecostal no Brasil**

A primeira onda pentecostal no Brasil se deu no início do século XX, teve consigo a chegada da Congregação Cristã. Trata-se de ser a primeira deste segmento em solo brasileiro. Seu surgimento se deu com a chegada de Franscescon<sup>7</sup>, em meados de 1910. Foi membro fundador da Igreja Presbiteriana em sua cidade de morada nos EUA. Mais adiante, desligou-se de sua igreja de batismo, ao descobrir a mensagem pentecostal e ser batizado no Espírito Santo, em 1907.

Sua experiência o fez propagar o Pentecostalismo à colônia italiana, por meio da profecia do pastor Durham. A obra era de evangelizar o mundo italiano, mas, em virtude da sua missão, foi revelado que deveria se dirigir à Argentina. Em 1910, fundou uma igreja em Buenos Aires, que ainda persiste, em virtude de uma expressiva comunidade italiana no local (ANTONIAZZI, 1994). Na leitura de Duncan sobre a chegada de Francescon na América Latina, o mesmo relata que

---

<sup>6</sup> Antoniazzi (1994, p. 71) utiliza o termo “pulverização”, como o grande *boom* das ondas no Brasil, mas é preferível o termo “polinização”. Pulverizar denota destruição, extermínio que não é o caso, já que aqui houve, na verdade a disseminação/irradiação/implantação/expansão da primeira onda pentecostal.

<sup>7</sup> Operário de profissão, suas habilidades manuais como artesão (trabalhava com obras em mosaico em fachadas e tetos) propiciaram várias execuções em palacetes em Chicago, galgando um equilíbrio financeiro em prol de sua família e permitindo a possibilidade de viajar para localidades distantes (ANTONIAZZI, 1994).

Em 8 de março de 1910, por determinação do Senhor, partimos direto a São Paulo, (Brasil). No segundo dia de nossa chegada àquela Capital, divinamente guiados, encontramos no Jardim da Luz um italiano chamado Vicenzo Pievani (ateu), morador em Sto. Antonio da Platina, Estado do Paraná, e lhe falamos da Graça de Deus. Dois dias após, V. Pievani voltou a Sto. Antonio da Platina, e nós permanecemos em São Paulo até aos 18 de abril, quando então por vontade de Deus, o irmão G. Lombardi partiu para Buenos Aires e eu para Sto. Antonio da Platina, [...] chegando... em 20 de abril [...] Parti de Sto. Antonio da Platina em 20 de junho, com destino a São Paulo. Apenas chegando àquela Capital, o Senhor permitiu abrir uma porta resultado que cerca de vinte almas aceitaram a fé e quase todos provaram a Divina virtude (CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISAS, 2008, p. 14).

Foi em meio a tantas dificuldades e vontade de obter sucesso em seu intento que fundou a CCB. Francescon não fez daqui seu lar, aliás, nunca residiu permanentemente no País, apenas o visitava, sendo considerado suficiente para formar o pilar de sustentação que deve ser considerado fundamental para aquele momento, pois trouxe a força de expressão de um mover pentecostal. Ao longo de seu percurso, assumiria uma postura tradicional, embora mais adaptada aos valores e representações de regiões como o norte do Paraná e em São Paulo (ANTONIAZZI, 1994).

Muitos fiéis se uniram na mesma causa, dando respaldo a Francescon, assim solidificando os grupos, os quais faziam também visitas frequentes aos Estados Unidos. As condições favoráveis dos membros possibilitaram dar seguimento aos propósitos dogmáticos no Brasil. As futuras lideranças demonstravam garantir a continuidade dos trabalhos, ao substituírem o fundador com idade avançada (MONTEIRO, 2010).

Apesar de inicialmente a CCB buscar locais dos menos favorecidos, marginalizados e periféricos, o nível social dos seus membros se confirma na atualidade em setores de classe média, com profissionais liberais e empresários fazendo parte da sua membresia (MARIANO, 1999). Não foi uma estratégia da CBB instituir fundações da Igreja nas regiões sul e sudeste do País, a denominação estava em busca dos seus pares, os italianos. Tais regiões estavam tendo crescimento econômico em face da produção cafeeira e ascensão das indústrias. Pela demanda de mão de obra, surgiam as cidades de imigrantes que buscam de condições de vida mais favoráveis, dentre eles italianos (MONTEIRO, 2010).

Apesar de ter havido aceitação da cultura e da língua italianas pelo povo brasileiro, houve a necessidade de garantir a sobrevivência da agremiação pela



ministração da palavra em português<sup>8</sup> para a compreensão mais eficaz, apesar de haver diferenças linguísticas (ANTONIAZZI, 1994). O nascimento da agremiação está ligado ao significado da sua existência.

O que Francescon julgava pertinente era a concepção de crença, a partir do pressuposto daquele que crê em algo ou divindade, gerando como resultado a conversão para a predestinação de ser salvo. Nesse ponto, institui-se esta pesquisa da religião do ponto de vista institucional, além de alguns pontos dogmáticos ou doutrinários. O estudo do fenômeno religioso se fez diante do poder carismático de galgar adeptos para sua corrente de pensamento, apelando para uma interferência de ordem sobrenatural.

Durante sua permanência em São Paulo, ministrando as convicções das crenças, houve as primeiras conversões. A necessidade de expandir o seu chamado o fez deslocar-se até Santo Antonio da Platina no Paraná. Havia os entraves de língua, acessibilidade e debilidade física, mas mesmo assim criou a primeira Igreja com nome de Assembleia Cristã, sendo mudado para Congregação Cristã do Brasil 20 anos depois, pela semelhança com o nome Assembleia de Deus no Brasil. Somente na década de 60 passa a se chamar Congregação Cristã no Brasil (AMARAL, 2002).

Segundo o autor Vasni de Almeida (p. 23), aprofunda a passagem de Francescon no Brasil, através do estudo de Émile-Guillaume Léonard, seus relatos abordam da intenção de Francescon retornar a São Paulo ainda no ano de 1910, para instituir a organização da igreja. Léonard indica que os fiéis reunidos em grupo por ele, seriam de vários segmentos religiosos como: católicos, presbiterianos e metodistas. Sendo este autor que construiu as bases de uma das definições sociológicas mais clássicas sobre o pentecostalismo brasileiro em seus momentos primários, sendo uma igreja composta basicamente de operários:

Em todos os lugares onde aparece, o pentecostalismo apresenta-se como a forma 'proletária' do protestantismo. Ao lado de comunidades e denominações mais antigas, aburguesadas ou em vias de aburguesamento, ele espanta por seu caráter muito mais popular. Esse caráter é mantido pela persistência e o crescimento de suas conquistas entre as classes menos afortunadas. No Brasil, o fato que as Congregações têm seu centro mais poderoso no grande polo operário de Sorocaba tenderia a dar, ao

---

<sup>8</sup> Monteiro (2010) discorre que a adoção da língua portuguesa passou a ser a língua oficial do Brasil no governo do Presidente Getúlio Vargas, na década de 30, sendo vedada a utilização e pregações nas igrejas em outras línguas, principalmente as de origem italiana, alemã e japonesa.

observador, uma aparência de denominação obreira (LÉONARD *apud* ALMEIDA, 2015, p. 38).

Na trajetória de Francescon, relatada pelo mesmo em cartas, são mostradas as dificuldades passadas por ele pela hostilização por parte de fiéis católicos. Mesmo assim, em seu desbravamento, deu início ao grande movimento pentecostal no Brasil. As primeiras igrejas surgiram nos bairros paulistas de grande conglomerado de italianos, tais como: Brás - a primeira a ser fundada, hoje, sede Nacional da CCB - Barra Funda e Bom Retiro.

Após os trâmites legais de formalização em instituição jurídica, tomou fôlego para a fundação de novos templos em outras localidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e, posteriormente, nordeste. Todas as igrejas têm suas resoluções e seus direcionamentos, por meio da sede em São Paulo. É fato que o seu crescimento se deu primeiramente em regiões interioranas no Brasil, mas conseguiu atingir os limites transacionais, expandindo-se para outros países (ANTONIAZZI, 1994).

Sua sobrevivência, conforme leitura de Mariano (1999), mantém firme suas características por quase nove décadas. Sua expressividade é diferenciada de outras pentecostais no critério de divulgação, automação, conduta de assistências e estrutura denominacional. Apesar de ser uma instituição considerada fechada, foi possível essas observações não apenas por meio de referenciais teóricos, mas por análises dos questionários aplicados aos membros participantes da pesquisa.

É contextualizada a chegada da CCB à cidade de Goiânia, particularmente quando foi registrada. De acordo com a funcionária da 2ª Circunscrição do Cartório de Registro de Imóveis da cidade de Goiânia, no sistema, data do ano de 1976. Já pela informação de um membro da CCB a data é anterior: 27 de abril de 1963. Infere-se das informações coletadas que a CCB já existia bem antes do seu registro.

O processo de racionalização propiciou o avanço científico e tecnológico, atributos que várias denominações religiosas viram como oportunidade para expandir sua doutrina entre os fiéis. Na contemporaneidade, os meios midiáticos e de automação tomaram lugares de destaque para auxiliar o que se conhece por *mass media*<sup>9</sup>, do qual o campo religioso neopentecostal e outras do mesmo

---

<sup>9</sup> *Mass media* é um fenômeno do qual os estudiosos definem como Meios de Comunicação de Massa (MCM) visa atingir vasta audiência simultaneamente, ou dentro de breve período de tempo centenas de milhares ou milhões de ouvintes, de espectadores, de leitores (BOSI, 2009, p. 36).

segmento da CCB se apropriaram e vêm dando *status* de efervescência, crescimento e expansão. Em oposição a esse movimento, a CCB não se adequa ao processo de divulgação dos dogmas, mantendo-se sem tais artifícios.

### 1.3 Expansão e Projeção da Congregação Cristã no Brasil

A fundação e o expansionismo da CCB estão diretamente ligados ao seu fundador. Francescon seguiu a rota dos imigrantes italianos, apesar de não ser um movimento de missões, buscava seus pares identitários nas regiões em que recebeu refúgio, fazendo das terras de acolhida uma nova morada: “O patriarcalismo da colônia italiana que foi a base inicial, ele conseguiu tornar-se o cimento da igreja” (ANTONIAZZI, 1994, p. 101).

Em 1910, Alencar (2013) discorre que, quando a Igreja chegou ao Brasil, a característica predominante na população era rural, porém já existiam os grandes centros urbanos que já progrediam com as ferramentas da civilização do velho continente, tais como: bondes, linhas de trens, telefone e muitos jornais. O Brasil se destacava pela maior produção mundial de matérias-primas como a borracha (ao norte) e café (ao sudeste). Em meio a esse cenário, a Igreja implanta-se e expande-se:

É então, na primeira década do alvissareiro século XX, que o pentecostalismo chega ao Brasil. É mais uma das muitas novidades vindas dos EUA, mas trazido por europeus. Luigi Francescon (1866-1964), italiano funda a Congregação Cristã do Brasil – CCB, na região sudeste (ALENCAR, 2013, p. 167).

Apesar de o Pentecostalismo vir dos EUA, foi trazido por europeus, que tem certas diferenças. O pentecostalismo nos Estados Unidos foi um fenômeno genuinamente urbano, interdenominacional, nas classes menos favorecidas. Seu marco histórico se deu na Missão da Fé Apostólica, sob a liderança de W. Seymour (1870-1922), porém teve manifestações distintas em diferentes locais e países.

Seu nascimento foi ocasionado por meio de um movimento multifacetado, religioso, predominantemente difundido entre os menos favorecidos na sociedade, de caráter rural inicialmente. Sua trajetória acompanha a mobilidade dos imigrantes italianos ao sudeste, norte e nordeste do País:

Em suas três primeiras décadas, seus líderes e membros eram, majoritariamente, compostos por imigrantes italianos, que seguiram Francescon após sua expulsão de uma igreja presbiteriana na capital paulista, por pregar a mensagem pentecostal. No início de 1911, chegaram à região amazônica os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Os dois missionários batistas, que, tal como Francescon, haviam se convertido ao Pentecostalismo através de William H. Durmam, em Chicago. Fundaram em Belém do Pará o embrião da futura maior denominação pentecostal da América Latina, a Assembleia de Deus, que logo nacionalizou suas lideranças e se espalhou por meio do evangelismo os leigos. O período de implantação do Pentecostalismo no Brasil, denominado por Freston (1994a) de primeira onda e por Mariano (1999) de Pentecostalismo Clássico, prolongou-se até o final da década de 1940. Ele foi marcado pela rápida expansão geográfica da Assembleia de Deus, que acompanhou o elevado fluxo migratório rural-urbano das regiões norte e nordeste para a sudeste, economicamente mais desenvolvida, e por uma expansão modesta da Congregação Cristã, que, restrita por duas décadas a adeptos de origem italiana, expandiu-se, geograficamente, num terreno menos amplo, sobretudo pelo interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e norte do Paraná (MOREIRA, 2015, p. 48).

Houve dois pentecostalismos distintos: o da CCB e o das assembleias de Deus. Respectivamente, uma com características étnicas, de origem presbiteriana, homogênea, ultracalvinista, episcopal, oral e apolítica, localizado ao sudeste brasileiro; a outra, batista, congregacional, arminianista, heterogêneo, abasileirado, localizada no nordeste do país. A primeira continua com a mesma conduta “fechada” das origens (ALENCAR, 2013). Desse modo, não se pode afirmar com exatidão sobre o crescimento da CCB por

Não possuir nenhum tipo de registro, rol ou listagem de membros, e nem folhetos ou material evangelístico. Desta forma, o estudo da construção dos templos torna-se uma das formas mais seguras e consistentes de realização da análise de seu crescimento (MONTEIRO, 2010, p. 143).

A falta de registros dos membros que possam ser pesquisados leva o leitor a outras formas de observações como a quantidade de construções ao longo dos anos que podem ser interpretadas como meio de análise do crescimento da CCB:

Análises a serem realizadas a partir da localização no País revelariam as rotas de expansão, permitindo análises sobre o crescimento rural e/ou urbano ao longo do tempo e possibilitando análises sobre a inserção e permeabilidade da CCB nos diferentes segmentos sociais a partir de estudos dos bairros. Neste trabalho utilizamos apenas a documentação sobre os templos como meio seguro de identificar a inserção de um grupo num espaço geográfico determinado (MONTEIRO, 2010, p. 143).

Nos próprios relatórios da CCB, dos quais Monteiro (2010) teve acesso, consta que tal como era no início, as conversões se mantiveram da mesma forma. Sem nenhum tipo de repercussão midiática, proselitismo e aderência às comemorações seculares, consideradas profanas. O mover estabelecido pela promessa do Espírito Santo revelado pelo dom de línguas (glossolalia) é considerado o motivo que levou ao aumento considerável de conversões.

Outra forma de contagem censitária dos membros da CCB é por meio do evento da ceia que ocorre uma vez ao ano: “[...] eles fazem a ceia de ano em ano, e usam esse dia para conferir a igreja, a fim de saberem o número de adeptos que possuem” (AMARAL, 2002, p. 117). Desse modo, a quantidade de fiéis passa a ser um estudo secundário, a pesquisa focaliza as características fundantes dessa agremiação, servindo para melhor defini-la, além de sua estrutura, doutrinação e ritos litúrgicos.

#### **1.4 Estrutura, Doutrina e Liturgia da Congregação Cristã no Brasil**

A CCB possui um sistema de governo simples, a sua estrutura eclesiástica é composta de duas categorias: o ancião<sup>10</sup> e o diácono, sendo que o primeiro exerce a liderança. O ministério é composto somente por homens: anciões, diáconos e cooperadores, e demais cargos como porteiros, músicos. A posição ocupada mostra a estrutura da membresia:

Um “ancião” não é necessariamente um idoso, mas alguém que, nesta igreja, alcançou o posto pelo exercício da “palavra revelada” e, obviamente, tem muito tempo de membresia na CCB. Portanto, o ancião é um indivíduo que remete à tradição, pois caso contrário não alcançaria o posto; nunca vai se inovar na igreja (ALENCAR, 2013, p. 175).

A hierarquia da CCB se dá assim: 1º Ministério Espiritual: Ancião/Conselho de Anciões – local e nacional; 2º Diáconos – cuida da Obra da Piedade e pode substituir o ancião; 3º Cooperador do Ofício Ministerial dirige o culto dos jovens e das crianças; 4º Porteiros – recepcionam nos cultos, recebem os envelopes de ofertas e pedidos de oração; 5º Encarregados de orquestras – local e regional; 6º

---

<sup>10</sup> A terminologia correta da palavra ancião na atualidade no plural é anciões, porém no passado era utilizado anciões de forma correta também. Tendo em vista os autores utilizarem as duas formas, não será considerado erro de português.

Músicos – há uma organista e demais músicos são homens; 7º Ministério de Administração: Presidente, secretário e tesoureiro (controle do patrimônio e construção de templos).

Mesmo com essa estruturação, a CCB nega tal organizacional, pela qual o culto é utilizado de forma contumaz para formar a liturgia, mostrada enquanto Igreja, de maneira envolvente e carismática do líder para os membros. Trata-se de um discurso no púlpito, com uma estrutura hierárquica é bem consolidada (ALENCAR, 2013).

A visão organizacional mais atrelada ao parentesco ou patriarcal foi o legado deixado pelo fundador Francescon. Alberto Antoniazzi (1994, p. 105) também discorre que existe o mínimo de burocracia possível, que não há pastores e sim anciões não remunerados: “[...] a liderança é por antiguidade mais do que por carisma ou por competência”.

Monteiro (2010) se prestou a coletar dados do Estatuto da Congregação Cristã no Brasil no Cartório de Títulos e Documentos da Capital de São Paulo, com o intuito de demonstrar como é a organização institucional da CCB. A composição do seu artigo mostra a hierarquização que se reduz a duas partes: a espiritual e a secular:

A primeira é formada pelo corpo ministerial, composto por anciões, cooperadores do ofício ministerial e diáconos... A segunda é representada pela administração, não havendo remuneração para nenhum dos cargos ou funções (MONTEIRO, 2010, p. 138).

Características que a definem podem ser vistas como uma total postura apolítica, isto é, aos ocupantes de cargos da Igreja há a proibição de aceitar posições políticas partidárias. Contudo há a obrigação de votar, pois é um ato cívico obrigatório constitucionalmente. É dotada de conservadorismo de condutas duais de Igreja *versus* mundo, espírito *versus* matéria, pecado *versus* salvação (ANTONIAZZI, 1994).

Como a sua estrutura organizacional religiosa é apolítica, a Igreja não participa de nenhuma organização partidária, mas direciona espiritualmente seus fiéis a orarem pelas autoridades, a cumprirem seus deveres cívicos de cidadãos. Nesse sentido, são bastante objetivos quanto à separação do Estado e da religião. Quanto à estrutura ministerial da CCB, tem-se a função que cada um desempenha:

Os anciões são os responsáveis pela realização de batismos, santas ceias, ordenação de novos anciões e diáconos, eleição de cooperadores de ofício ministerial. Cabe a eles conferir ensinamentos e cuidar dos interesses espirituais e do bem-estar da Igreja, entre outras funções. São os bispos, por serem responsáveis por um determinado número de igrejas. São pessoas que dominam ensinamentos eclesiásticos. O conjunto de anciões forma o “Conselho de Anciões” que se constitui no órgão máximo da CCB. Nas reuniões, todas as decisões são partilhadas e decididas por todos em (oração e) votação (MONTEIRO, 2010, p. 138).

Os cooperadores têm o ministério voltado para jovens e crianças. Presidem os cultos em localidades específicas. Cooperam em diversas atividades com exceção de batismos e ministração da santa ceia. Os diáconos ajudam no atendimento aos fiéis, no quesito de última necessidade básica, as obras pias, denominadas “Obras de Piedade”: alimentação, vestuário, mobiliário e auxílio pecuniário. Seu papel tem uma função maior, pois cada diácono se responsabiliza por um número de igrejas de uma região em determinado espaço geográfico. Eles recebem o apoio de grupos específicos de mulheres, conhecidas por “irmãs de piedade”, há duas pelo menos em cada Igreja. Assim, eles têm a responsabilidade de identificar os anseios e necessidades locais, visitas e dar indicativos de quem necessita de auxílio (MONTEIRO, 2010).

Em regra, existe o critério de preservar o anonimato, resguardando o fiel de sua particularidade. Os dados existem apenas a título contábil. Cabe aos diáconos ainda a supervisão das atividades exercidas pelo corpo administrativo no recebimento das coletas voluntárias, escrituração e depósitos bancários. O Conselho de Anciões delibera quanto à ordenação dos anciões e diáconos, bem como são apresentados os cooperadores do ofício ministerial. O Ministério da Música, os administradores e os conselheiros compõem o ministério (MONTEIRO, 2010).

Quanto à organização administrativa existe a centralidade de poder em São Paulo, que preside todos os demais municípios e regiões. Em vista de um melhor controle, também são criadas administrações locais por região e município.<sup>11</sup> São 1.010 administrações e 90 administrações regionais que prestam assessoria às administrações locais. Possuindo cada uma a mesma estruturação de no mínimo

---

<sup>11</sup> Esses dados podem ter sofrido alterações nos últimos anos. Tal organização pode contar ainda com um vice-presidente, conselheiro fiscal e suplentes fazendo uma comparação à sede, e pode variar o número de auxiliares da administração (MONTEIRO, 2010).

três membros - presidentes, secretários e tesoureiro -, indicados pelo Conselho de Anciões, cujas atividades são realizadas sempre de forma conjunta e complementar (MONTEIRO, 2010).

De acordo com a necessidade vão surgindo outros departamentos como de construção, engenharia, compra de materiais e outros, passando pela aprovação do Conselho de Anciões. Outros serviços como de portaria, limpeza, som são a título de voluntariado de fiéis da localidade. Há eleição a cada três anos para a escolha dos administradores, e para o Conselho Fiscal, anualmente. A eleição ocorre durante a Assembleia Geral Ordinária, sendo permitida a recondução ao cargo. Não há nenhuma contribuição assalariada ou ajuda de custo para exercer tais funções. O sustento provém dos trabalhos desempenhados fora da igreja, ou seja, empreendidos no mundo secular (MONTEIRO, 2010).

Amaral (2002) discorre que, em relação ao funcionamento, a constituição do corpo direcional da CCB apresenta-se com seu sistema de culto e questões doutrinárias, fazendo diferente de outras denominações do mesmo segmento. Sobre o sistema de governo, o ancião mais velho detém absolutamente todo o poder, honra, respeito por parte dos fiéis. É considerado intocável e alega ser o dono da verdade incontestável: os anciões são os predestinados, os escolhidos nas reuniões de oração, local onde é pedido um direcionamento por parte do Espírito Santo de Deus, concentrando em si todas as funções espirituais da Igreja. Os anciões são insubstituíveis, substituídos somente *post mortem*, por ter função característica a vitaliciedade do cargo. Dificilmente sofrem alguma admoestação pelos membros da CCB que os consideram “guias espirituais”, “falando” o Senhor por meio deles:

Não se é valorizado um membro comum cheio do Espírito de Deus e cheio de unção do Espírito, ou aquele que é maduro no domínio das Escrituras Sagradas, mas, é valorizado o mais velho na igreja, mesmo sendo ele um leigo nas Escrituras, não importando também o seu grau de conhecimento ou espiritualidade. Não podemos confundir idade com sabedoria (AMARAL, 2002, p. 25).

Percebe-se que os membros da Congregação se posicionam como os que não têm voz ativa, não podem dar opinião, aprovar ou desaprovar nada. São titulados como líderes ‘biônicos’, obrigados a aceitar as imposições com alegria, disposição e reverência. O papel do membro é ser parte estruturante da Igreja, cuja presença é importante para o funcionamento.



A Igreja é composta de muitos membros, com funções diversas, tornando-se um poder participativo, sem preconceitos, no qual a cabeça é Jesus Cristo, porém os membros da CCB não são vistos os discípulos de Cristo, mas simples adeptos da fé proposta:

O adepto é simplesmente um partidário que segue ou acompanha um líder, mas, não tem poder nenhum de decisão. Lá, os únicos direitos que o membro tem é de pedir os hinos (que também são sempre os mesmos), fazerem algumas orações, testemunhar milagres (Eu creio que exista, pois Deus não se limita à nossa pequenez). Agora, é vedado o uso do púlpito aos estranhos (os não chegados dos anciãos) (AMARAL, 2020, p. 24).

A organização da CCB se vincula aos ritos doutrinários que desvenda o papel dos membros: “Nenhum membro tem o direito de dialogar ou sugerir algo referente à doutrina, ou qualquer assunto, mesmo que de vital importância para a igreja” (AMARAL, 2002, p. 24). Entretanto, são chamados a participar da compra de áreas e das construções dos prédios, mas, quando chega seu real momento de terem voz ativa, são tolhidos de participar de qualquer ação:

Estas são as qualidades principais para ser diácono na Congregação Cristã no Brasil, e não a capacidade cultural, ou a vivência e aprovação dos demais membros da igreja. Os cargos são impostos de cima para baixo, e não pela aprovação e vontade da totalidade da igreja. Os demais membros são obrigados a acatá-los sem nenhuma imposição. Não há bom senso nas escolhas, mas, infelizmente só os exclusivos interesses dos anciãos são levados em conta (AMARAL, 2002, p. 22).

Os que podem dar sugestões, tendo algumas atribuições limitadas de participação, fazem parte do ministério, têm seus nomes constantes em atas. Amaral (2002) faz uma comparação dos diáconos da CCB em relação aos de outras igrejas evangélicas. Em ambas, os irmãos desempenham uma função bastante expressiva, porém diferenciam-se quanto ao processo de escolha. Muitas denominações evangélicas escolhem diáconos, conforme crenças das Escrituras Sagradas da igreja primitiva, devendo ser dotados de atributos de conduta ilibada, de sabedoria e cheios do Espírito. Ficam a critério livre e consentido escolher por eleições pelos fiéis. Já a CCB não aceita a doutrina dos apóstolos da Bíblia Sagrada, aos adeptos da denominação não é permitido o direito ao voto, compete ao ancião escolher seus líderes, é uma característica dogmática impositiva.

O cargo vitalício dos anciões tira qualquer oportunidade de renovo para a Igreja, havendo casos de mais de 40 anos sem renovação. Contudo, é sabido que em decorrência da idade avançada surgem problemas que comprometem as faculdades mentais que os impossibilitam de tomar certas decisões (AMARAL, 2002). O campo me respondeu a esse questionamento em minhas visitas como pesquisadora observadora, nenhum dos anciões que subiram ao púlpito tinha idade muito avançada, não foi percebido o comprometimento da saúde mental dos líderes presenciados nos dias de visitas em decorrência da idade.

Pela estruturação, tem-se a ideia da doutrina e da liturgia da CCB que, como toda igreja institucionalizada e hierarquizada, tem despesa de manutenção, de custo com suas obras, seja de missões, seja de características filantrópicas, porém se mostra diferente das igrejas do mesmo seguimento quanto ao dízimo, às ofertas e quanto ao salário.

Alencar (2013, p. 174) afirma que “[...] não há em nenhum dos cultos qualquer tipo de coleta ou pedido. Em cada igreja há um grupo para quem se entrega voluntariamente os donativos”. Existem três destinos para esse dinheiro: Obras de Piedade, construção de templos e viagens missionárias. A primeira destinação é dirigida por diáconos auxiliados pelas irmãs da piedade, sendo a versão filantrópica da Igreja, em que uma comissão que conhece as necessidades da membresia se direciona discretamente e de forma anônima para tomar providências. As construções também são controladas por comissões regionais. As missões feitas com viagens dos anciãos que desempenham funções exclusivas para celebrar a Santa Ceia, efetuar batismo e ordenação dos diáconos.

As viagens missionárias da CCB servem para a realização de batismo, santas ceias e encontros dos anciãos (organização e direção de assembleias regionais no País), para garantir a manutenção da estrutura espiritual e administrativa da instituição. Como somente o ancião é responsável por realizar tais sacramentos, deve atender as demandas onde ainda não tem representação. Essas viagens são consideradas “atendimento das obras” (MONTEIRO, 2010).

Antoniazzi (1994) atesta que na CCB não se fala em dízimo, nem mesmo sobre os ensinamentos bíblicos a respeito. Mas existem as contribuições, que não podem ser dirigidas ao ancião dirigente das reuniões, com o intuito de evitar desgaste em caso de acusação de desvio do dinheiro doado. Já a comercialização

de produtos se resumem apenas a itens utilizados na Igreja: bíblias, hinários e véus. Quando o assunto é dinheiro, a justificativa para não se cobrar o dízimo é que:

Não tendo funcionários pagos ou seminários teológicos, suas despesas são reduzidas. Não se ensina sobre dízimo, e não se fazem coletas. As contribuições são entregues em particular, não podendo ser em cheques, para que não apareça o nome do doador. As contribuições são centralizadas a nível regional; apenas uma vez por ano há uma coleta para o templo central no Brás (ANTONIAZZI, 1994, p. 106).

Os provimentos de recursos não abrangem a cobrança de dízimo, existem sim ofertas de cunho voluntário, anônimo, denominadas de “coletas”, sendo vedada qualquer obrigatoriedade de prestação ou vínculo com a integração de permanência de membros: “essa decisão cabe ao fiel no momento da realização de sua oferta e os valores são aplicados integralmente nas finalidades para as quais foram oferecidas” (MONTEIRO, 2010, p. 141). Alegam que não têm pastores, não havendo necessidade do dízimo, entretanto, “[...] os anciãos pedem ofertas que em sua maioria superam em muito o equivalente ao dízimo de seus adeptos. São com estas ofertas que eles sustentam os zeladores de suas igrejas e fazem suas construções” (AMARAL, 2002, p. 83). Os anciãos afirmam que trabalham de graça, sem receber salário da CCB.

Quanto ao tempo disponibilizado para o trabalho espiritual, a dedicação e o comprometimento se dão no horário de culto. Como o expediente dedicado é limitado ao culto, em média 01h30min, no máximo 4 vezes por semana, no total de 16 dias ao mês, de fato não corresponde a um trabalho normal. Tem-se o argumento que legitima o fato de não receber por tal atividade. Se contar o mês, os serviços prestados não somariam o total de 24 horas.

A manutenção da CCB se volta para ela mesma, não havendo obras humanitárias de assistência social, asilos, creches, hospitais, escolas, internatos ou ainda auxílio aos carentes (AMARAL, 2002). Suas liturgias não parecem aprofundar em estudos bíblicos, fazem leituras desconexas com a realidade atual. Dizem seguir a Bíblia, mas negam certos ensinamentos do Livro Sagrado, seguem os direcionamentos do ancião: a Igreja “[...] se baseia sempre em textos isolados, mal interpretados, e não existe nenhum respeito às regras de hermenêutica bíblica, todas as doutrinas saem unicamente da cabeça do ancião mais velho” (AMARAL, 2002, p. 36). O campo respondeu, através da escuta ativa da pesquisadora que os

membros relatavam que não sabiam a bíblia, que de fato não há o estudo bíblico, nem sua leitura nos cultos ou encontros, que a palavra é revelada ao ancião.

A CCB tem como pilar teológico ortodoxo a predestinação (legado deixado pelo calvinismo), a doutrina da salvação, da crença que os únicos salvos serão os membros da CCB: “Deus oniscientemente conhece os salvos e os perdidos” (ALENCAR, 2013, p. 174). Entende que não são necessários esforços para a conversão dos parentes e amigos. Em virtude disso, não publica livro ou tratado teológico, exceto o hinário; não faz estudo institucional teológico que pudesse formalizar o corpo sacerdotal.

A convicção de salvação tem um efeito importante na relação da CCB com a modernidade, a predestinação é uma forma de libertação das amarras dos métodos evolutivos da sociedade, como a mídia, as mudanças sociais e os avanços tecnológicos:

Age como amortecedor, permitindo que ela se contente com os velhos métodos independentemente dos resultados. Isso dá à igreja uma estabilidade em muitas áreas. Não existe a tentação de experimentar com novos tipos de culto em nome da atratividade. A predestinação responde por todos os sucessos e fracassos da igreja; não precisa haver o tipo de auto-exame estratégico que galvaniza a mudança numa instituição religiosa (ANTONIAZZI, 1994, p. 104).

O método tradicional e fechado faz da CCB uma denominação com ritual próprio, mantendo suas características. Usam a Bíblia de forma estratégica e simplista, tornando o ato da revelação algo primordial para tudo, sendo feito pelo ancião:

O papel da Bíblia é pequeno, sendo mais um livro de oráculos do que uma revelação a ser meditada sistematicamente [...]. Como disse um fiel: “até para viagens, negócios, casamento, a gente busca a revelação” pessoal de Deus. Todas as decisões na igreja devem ser confirmadas por revelação. Os sermões nunca são preparados, nem se sabe de antemão quem vai pregar; Deus revela na hora. Toda literatura cristã é rejeitada, pois a cultura é inútil para a fé”; “outras luzes não queremos”. Mesmo assim, não se aceitam “profecias estranhas à Palavra de Deus”. Como diz o principal ancião: a inspiração divina “não produz brigas entre os crentes (ANTONIAZZI, 1994, p.104).

A visão é de que se Deus revelou deve ser seguido, havendo certo comportamento radical, além do sectarismo e ascetismo que rejeita as outras crenças e certos seguimentos do “mundo exterior”. Dizem ser salvos em Cristo,

buscam atingir a perfeição cristã, devendo que se afastem dos prazeres, dos interesses e das paixões (MARIANO, 1999).

Na liturgia, há a prática de falar em línguas celestiais (glossolalia), sendo parte doutrinal fundante da teologia e liturgia pentecostal (ANTONIAZZI, 1994). Pode-se observar, conforme Gedeon Freire de Alencar, que o Pentecostalismo é uma ramificação do Protestantismo que se reconhece pelo ato de falar em línguas estranhas. Para os pentecostais é a defesa primeva do acontecimento, portanto ao início da igreja em Jerusalém, na festa do Dia de Pentecostes<sup>12</sup>.

No decorrer da história, surgiram outras manifestações com a glossolalia, que passou a fazer parte do rito e da prática religiosa de forma oficial em certas crenças, abarcando o falar em línguas consideradas celestiais:

O dom de falar em línguas estranhas, que desde o início do pentecostalismo constitui uma das principais marcas distintas, remete ao episódio bíblico de Pentecostes, relatado em Atos 2, em que o Espírito Santo, no quinquagésimo dia da ressurreição de Cristo, teria se manifestado aos apóstolos por meio de línguas de fogo (MARIANO, 1999, p. 10).

A prática de falar tais línguas advém das marcas do Pentecostes, referenciado no Livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2. A CCB direciona seus membros por revelações ditas pelo seu representante espiritual, no caso o ancião. Tudo segue conforme ditam os usos e costumes:

A manutenção dos usos e costumes, nesse caso, tem por base a obediência aos desígnios e ao mover do Espírito Santo, que se revela aos anciãos da igreja, líderes eclesiásticos guardiães da fidelidade à tradição denominacional. Como a voz do Espírito não pode contradizer a palavra impressa da Bíblia, os anciãos fundamentam tal tradição comportamental na leitura inspirada das Escrituras, regra de fé e ação para os evangélicos (MARIANO, 1999, p. 204).

A disseminação da doutrina na Congregação não se limita a prender-se nos ensinamentos da Bíblia, pois não aceitam que toda a Escritura seja inspirada por Deus. Alegam que dificilmente um membro prega o evangelho, mas estão sempre dispostos a evangelizar na certeza de que sua Igreja é a única que será arrebatada. Os adeptos acreditam que existe uma lista daqueles que serão salvos, os predestinados. Desse modo, surgem as críticas e as análises dessas crenças:

<sup>12</sup> Alencar aborda a Festa do Dia de Pentecostes sendo a festa agrícola religiosa dos judeus, realizada cinquenta dias após a celebração da Páscoa.

Não é permitido de maneira alguma que pessoas com conhecimento cultural elevado, teólogos etc, subam ao púlpito. Os anciãos alegam que sobre estes o Espírito Santo não tem espaço para se manifestar, e que Deus não opera na sabedoria, e sim na simplicidade. [...]

A Congregação, por não aprofundar nos estudos das Escrituras, está cada vez mais se distanciando do propósito de Deus. As mensagens propõem auto-sugestões, não visando a edificação dos membros, mas a defesa de interesses de determinadas pessoas. Os assuntos são quase sempre fora da palavra de Deus. Como os assuntos tratados nas tribunas são poucos envolventes, por se tratarem de interesses pessoais, as pregações se tornam bastante materialistas (AMARAL, 2002, p. 30, 31).

A literalidade está bem atrelada à doutrina da Igreja em questão. O termo “biblicistas” pode facilmente ser uma característica dela, fazer leitura literal ao “pé da letra”. A afirmação deles de que detêm a verdade absoluta dá ensejo para a intransigência, o obscurantismo, o fanatismo e o fundamentalismo. Por tais razões, Amaral (2002) discorre que a CCB não concorda com o estudo mais aprofundado e fundamentado da Bíblia. De fato, como a pesquisadora atuou como observadora /participativa pôde observar que não há estudo aprofundado da bíblia, que o ancião faz sua leitura e interpreta sem fundamentação ou estudo mais aprofundado.

A Congregação não concorda com o incentivo do estudo Bíblico, despertando a interpretação de que não desejam fazer dos adeptos pessoas que pensam e questionam seus próprios dogmas para entender a percepção do outro que pode ou não estar certo. O modo de estruturação comportamental dos adeptos é a própria doutrina.

Em trabalho de campo, foi possível observar que há a entrada feminina (ala esquerda), na qual o porteiro (membro/voluntário) carrega um papel com itens para marcar um “x” no texto pronto com intenções de pedidos de oração (família, enfermidade, tribulações e suas causas, viagens e testemunhos), não necessariamente nessa ordem. Antes de iniciar o culto o porteiro entrega o papel com os pedidos de oração em mãos ao ancião que já se encontra em cima, no púlpito. A ele é revelada a palavra do dia, provavelmente direcionada pelos anseios dos irmãos nos pedidos de oração.

O ancião tende a ser enfático em sua afirmação de que devemos nos preocupar com nossa conduta na Terra, pois somente Deus saberá na hora do juízo

final quem são os escolhidos.<sup>13</sup> O ancião prega aos ouvintes para viver em constrição com Deus para adentrar ao Reino do Céu. É um atestado das afirmações dos autores quanto à predestinação, os únicos escolhidos.

A predestinação não é exclusividade da CCB, mas se consideram no privilégio de serem os “únicos” que levam seus membros para o céu: “[...] eles doutrinam seus adeptos dizendo que só existe salvação para aqueles que professam a fé em suas crenças, e que as outras igrejas evangélicas são falsas e suas doutrinas heresias” (AMARAL, 2002, p. 119). Como esses dogmas, a tradição, os ritos e as liturgias da CBB se fazem conhecidas. Entretanto, tais crenças se sobrepujassem ao ensino da Bíblia Sagrada que pode ser analisada assim:

A obra do Senhor Jesus nunca foi fanatizante, nem centralizadora, mas abrangedora e universal, não importando o nome dessa ou daquela igreja, sendo Ele mesmo o marco de nossa Salvação. Não podemos condenar outras igrejas que verdadeiramente têm como fundamento de fé a Palavra de Deus na sua totalidade, e o Senhor Jesus como o nosso salvador através da fé. Elas são muito úteis e responsáveis pela aproximação dos homens a Deus, devido aos seus trabalhos e dedicações a favor do Evangelho (AMARAL, 2002, p. 121).

A doutrina é parte *sui generis* da liturgia da CCB, porém é nela que cabe o exame de suas peculiaridades. É possível perceber que a agremiação é irremovível em seu tradicionalismo, continua a não fazer uso de qualquer meio de comunicação de massa, nem mesmo de revistas, jornais, folhetos e literatura, desde sua fundação: Ela rejeita métodos modernos de divulgação: “[...] não utiliza rádio ou televisão, pregações em lugares públicos, ou literatura. O proselitismo é feito exclusivamente dentro dos templos e nos contatos pessoais” (ANTONIAZZI, 1994, p. 103). Não pratica o evangelismo itinerante, nem se concentram em praças públicas, ginásios de esporte, reuniões em estádios ou outro meio, mantendo-se isolada:

Não faz nenhum tipo de proselitismo de ação evangelizadora de pregar em praças, ou envolver-se com projeto de comunicação em rádio e tv. Como consequência não publica nenhum livro ou tratado teológico, portanto, não tem nenhum tipo de estudo institucional teológico para formalização do corpo sacerdotal (ALENCAR, 2013, p. 174).

---

<sup>13</sup> Há outras religiões que defendem essas características etnocêntricas, como forma de sobrepor uma religião em detrimento da outra. Etnocentrismo: Antropologia Crença na superioridade da sua cultura ou da sua comunidade sobre as demais.

Há a padronização doutrinal e litúrgica: o louvor e as orquestras são usados nos rituais. Existem orquestras desde o ano de 1932, contando com aproximadamente 250 mil músicos no Brasil, com a música adequada ao seu meio. Os louvores podem ser a pedido dos fiéis, feitos por todos, pois não se permite cantores com carreira solo ou grupos específicos para fazerem apresentações especiais (MONTEIRO, 2010).

Observa que, enquanto em muitas igrejas evangélicas os hinários estão em desuso, na CCB o livro de canções denominado *Louvores e Súplicas* é usado cotidianamente. Há décadas e sem ressalva é usado em todas as igrejas em mesmo estilo. A orquestra não comporta mulheres, devendo apenas cantar com os demais:

Existe uma polêmica, hoje, quanto à proibição das mulheres nas orquestras, pois no início elas participavam, e em outros países também, mas não no Brasil. Mas como tudo é decidido por “revelação” absoluta do conselho de anciãos, ninguém publicamente questiona (ALENCAR, 2013, p. 174).

Os adeptos cultuam assim: de forma uniforme, seguem à risca o hinário<sup>14</sup>. Nele, consta os endereços dos templos, serve de instrução para as orquestras e um relatório anual de cunho burocrático, nada teológico-conceitual. Também os testemunhos compõem a liturgia. É considerado um privilégio na hora do culto, não havendo reunião sem testemunho.

O ato litúrgico dos cultos não permite flexibilização: oração, louvor, mensagem e testemunhos. Esse padrão também é uma característica sincrética da Igreja Católica, apesar do aparente anticatolicismo. A alegação é de que esse rito sequencial “[...] dá segurança ao fiel, pois em qualquer lugar do mundo ele encontra e se encontra no ofício religioso, a despeito da língua, local e tempo” (ALENCAR, 2013, p. 176).

A padronização é uma constante na liturgia da denominação, bem como os modismos “[...] a CCB mantém o mesmo procedimento de sempre, valorizando a presença física nos templos e mantendo-se contrária à expansão da fé por meio da mídia” (MONTEIRO, 2010, p. 142). Desse modo, os padrões do culto seguem uma atmosfera formal. Liturgicamente, tem-se uma ordem concatenada e

---

<sup>14</sup> Em 2017, verificou-se com a pesquisa de campo que até um tempo atrás a comercialização era somente para os fiéis, hoje já é permitida a venda. Antes, o cooperador emprestava o hinário. Hoje há a possibilidade de comprar o hinário por parte dos que não sejam “domésticos da fé” (MONTEIRO, 2010).



preestabelecida, na qual os hinos, as orações e os testemunhos são de cunho voluntário e espontâneo, com a participação dos fiéis.

Dentre as características doutrinárias e litúrgicas, notam-se que, durante o culto, as mulheres e homens sentam-se separados. As mulheres usam véu e as orações são realizadas de joelhos. A pregação feita por membros do ministério, não sendo preparada com antecedência, há a espera pela inspiração reveladora. O batismo é por imersão, nos locais apropriados em templos maiores, ocorrendo pela vontade e decisão de quem quer se tornar adepto, sendo maiores de 12 anos. As santas ceias são realizadas uma vez ao ano, participando única e exclusivamente os fiéis batizados.

Monteiro (2010, p. 142) destaca que “[...] embora não faça parte de instituições ecumênicas, a CCB mantém relações cordiais e de respeito com outras denominações evangélicas e não mantém polêmicas sobre seus pontos de doutrina ou seu modo de organização”. Os cultos são sempre realizados na Igreja. No ano de 1995, houve uma reunião ministerial na qual se proibiu a realização de cultos em presídios ou casas de detenção: “Eles não fazem cultos familiares ou domiciliares, nem orações coletivas. Estes costumes, segundo eles, “contrariam” as Sagradas Escrituras” (AMARAL, 2002, p. 103).

Essa instituição religiosa desvenda suas formalidades e liturgias entre as igrejas pentecostais. O púlpito somente pode ser liberado para os pregadores ligados à “cúpula”. Predomina a vestimenta de terno e grava aos dirigentes da palavra. A disponibilidade dos microfones para os testemunhos segue a mesma regra espacial de mulheres do lado esquerdo e homens do direito, tem o microfone para os diferentes gêneros. Por uma questão hierárquica, o lugar fica em um nível abaixo do púlpito.

A preocupação em preservar os rituais dos cultos, mantendo a semelhança em todas as igrejas, é uma forma de controle dessa organização por homens. Dos rituais, seguem as proibições de que não são permitidos cânticos novos e seus membros não podem ouvir louvores de outras igrejas evangélicas, sob título de estarem cometendo pecado (AMARAL, 2002). A adoração é restritiva exclusivamente ao ministério congregacional.

Esse afastamento das outras formas de culto abrange o batismo. O ensinamento deixado da Palavra de Deus de que se deve batizar em nome do Pai,

Filho e Espírito Santo é seguido por muitas denominações, porém a CCB “[...] ensina a prática de um rebatismo criado pelo Unitarianismo<sup>15</sup> Modernista, afirmando que o batismo nas águas deve ser somente no nome de Jesus” (AMARAL, 2002, p. 59).

Também se nota que a CCB se firma numa doutrina com textos isolados, foi percebido na pesquisa de campo que a interpretação do que é dito nos cultos não é levado em consideração o contexto da época, e a adaptação aos dias atuais como exemplo da interpretação do que Pedro afirmou com os termos “Sede batizados” pode inferir que ele se direcionou aos ouvintes que estavam ali indagando. Era uma forma de dizer da necessidade de receberem a Jesus Cristo como seu salvador e se batizar, porém a Congregação assim entende: “[...] a Igreja do Véu só considera batizados de fato aqueles que se batiza lá, pois, na Congregação é que está a “verdade” e recebem só o batismo de Jesus” (AMARAL, 2002, p. 61).

A defesa deles é que usam da compreensão dos dizeres de Pedro que menciona o batismo em nome de Jesus. Amaral (2002, p. 61) faz a seguinte observação:

[...] naquele momento o apóstolo Pedro estava anunciando a morte e a ressurreição do Senhor Jesus. E da necessidade de que houvesse arrependimento e batismo, nunca se desfazendo do que Jesus dissera em Mateus 28:18-20. Naquele momento Pedro não estava batizando, mas fazendo sua primeira pregação após a morte e ressurreição de Cristo, e também logo após o enchimento do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

O ato de batizar apenas em nome de Jesus os levam a crer que serão salvos. A questão do arrependimento dos pecados não é pregada como requisito de salvação. A passagem bíblica diz: “Arrependei-vos e sede batizados”, sendo o arrependimento base para toda a vida, capaz de levar o homem à presença do Pai. Essa é pregação dos apóstolos na Bíblia, sem arrependimento não haverá o perdão de Deus para a salvação. Com isso, pode ser interpretado que a CCB

Não prepara seus adeptos de forma e bíblica para o batismo. As pessoas são levadas ao batismo sem o mínimo conhecimento do evangelho, e muitas vezes são levadas pessoas em estado de embriaguês, e com outros vícios mais, revelando um despreparo total para com o padrão bíblico (AMARAL, 2002, p. 62).

---

<sup>15</sup>Unitarismo é uma seita protestante do século XVI que rejeitava a Santíssima Trindade e a deidade de Cristo e só reconhecia uma Pessoa Divina (SACCONI, 2010, p. 2025).

O batismo daqueles que não estão amadurecidos pela ideia de arrependimento que consta na Palavra é legitimado na liturgia de batizar a pessoa do jeito que ela está, sem a condição do dito arrepender-se. Usa-se o argumento de que João Batista era um inculto e batizava as pessoas sem o menor preparo, bem Felipe batizou o eunuco, ignorante das verdades bíblicas. O contexto bíblico não é levado em conta, pois a ignorância foi sanada, quando Filipe instruiu o eunuco acerca das Escrituras (AMARAL, 2002).

No artigo publicado por Vasni Almeida (p. 41), discorre sobre o batismo na CCB, dados dos relatórios da convenção da igreja:

Nas considerações dos ministros sobre como deve ser o batismo na CCB, há todo o cuidado com os componentes deste ritual, preconizado, dentre outras coisas, que, antes de submergir o candidato, o ancião responsável pelo ritual deve dizer as seguintes palavras: “Irmão (a), em nome de Jesus Cristo te batizo, em nome do Pai, do Filho do Espírito Santo – Amém”. O batizado é, então, alertado de que deve acreditar que “Jesus Cristo é o filho de Deus, e ele é o salvador e não o batismo”, sendo esse rito apenas o símbolo de “obediência à palavra de Deus” aplicando, assim, os termos contidos no livro de Atos, capítulo 2, versículo 38. Neste mesmo ritual, deve-se cantar a primeira parte do hino 195 do hinário, antes de iniciar o batismo, e a segunda parte, após a realização do batismo. Para a CCB, o batismo é um rito de purificação, com o qual se espera que os pecados cometidos pelo indivíduo sejam anulados, acredita-se que após o batismo, o fiel inicia uma nova vida, mudando seus hábitos sociais e comportamentais (ALMEIDA, 2015, p. 41).

As diferenças da CCB abrangem pregação, batismo, Santa Ceia, entre outros. Como meio de recenseamento, avaliando o número quantitativo de adeptos, celebra-se anualmente a Ceia de joelhos em torno do púlpito, havendo um único cálice para todos,<sup>16</sup> servido ao mesmo tempo que o pão. Com isso, difere-se das igrejas que servem os membros sentados, primeiro o pão, depois, o vinho, com celebração a cada 30 dias, como uma forma de memória pela crucificação e morte do Senhor Jesus (AMARAL, 2002).

O ritual está no sacramento como objeto litúrgico. O ato de oração para eles deve ser apenas na posição de joelhos. Com isso, impõe-se aos fiéis o modo de prostração única, retirando a ideia de que a oração é uma das várias manifestações de adoração religiosas, sendo demonstração subjetiva e intransferíveis, põe-se a questão exterior mais importante que a atitude interior:

<sup>16</sup> Seguem que devem servir em um único cálice o vinho nas ceias, entretanto, hoje não convém por causa do grande número de pessoas e por questões de doenças. Antigamente, a quantidade de adeptos era reduzida e existia uma certa afinidade/intimidade com todos ao redor da mesa.

É muita infantilidade espiritual achar que vai ser por algo tão exterior que Deus responderá a oração. De que adianta eu ter uma vida incoerente com a palavra de Deus, sem nenhum temor, e me ajoelhar e orar? Não é o ato em si de ajoelhar que vai tocar o coração de Deus, mas a motivação do coração (AMARAL, 2002, p. 76).

Colocar regramentos em rituais e no modo de viver dos seus adeptos torna-se característica. Outro deles é considerar a comemoração do Natal uma festa de idolatria, simplesmente por não aceitarem como apenas um símbolo do nascimento de Jesus, já que há dúvida da data específica desse fato. A data, de certa forma, foi instituída pela Igreja Católica Romana, e que há muito se comemora o dia de São Nicolau, de onde surgiu a imagem do papai Noel. Além disso, outras festividades ou comemorações as cerimônias de casamento não são permitidas dentro da CCB, alegam que é uma festa material que nada tem a ver com religião, nem mesmo podem orar em agradecimento pela união (AMARAL, 2002).

A conduta dos líderes da CCB expõe o que pode chamar de arbitrariedade: “[...] os anciãos criam um poder arbitrário, e tudo o que dizem em suas igrejas, seus adeptos são obrigados a ouvir e acatar” (AMARAL, 2002, p. 118). Aos considerados inadequados são vistos como pecadores, separados dos outros membros. O fiel deve permanecer nesse local até vencer o dia da sua culpa, tendo por objetivo serem conhecidos pela Igreja. Tal agir revela as práticas de admoestação da liderança.

Nas leis humanas, para todos os efeitos, devem-se respeitar os trâmites legais do contraditório e da ampla defesa. Na CCB, os membros que se rebelam e que, por ventura, afastam-se da comunhão da Igreja já estão condenados à perdição eterna. Se caso houver adultério, é pecado grave, havendo a punição da perda da liberdade de ocupar algum cargo ou dar testemunho (ANTONIAZZI, 1994).

A CCB se caracteriza por suas maneiras de comungar a fé, estabelecendo suas regras que fazem sentido na congregação. Segue o *ethos* da religião como critérios que dão respaldo para a crença da salvação. Hábitos e costumes estão implantados por todo meio dessa comunidade.

### **1.5 O *Ethos* Religioso da Igreja do Véu com seus Hábitos e Costumes**

A análise de que a CCB legitima e ritualiza os comportamentos como forma de proteção do “mundo”, de fortalecimento ou manutenção da vida religiosa. As mudanças nos âmbitos tecnológicos, científicos e midiáticos parecem não afetar os momentos litúrgicos e os movimentos que fazem dessa denominação um ciclo fechado de crenças.

Alencar (2013) esclarece que a CCB, em sua formação, mantém-se fiel a si mesma até os dias atuais, no que se refere ao resguardamento de seu *ethos* religioso. Como uma igreja étnica, em coerência de irmandade italiana do recomeço, segue sua linha de raciocínio. Os elementos fundamentais ritualísticos servem para a solidificação e a preservação da identidade da CCB.

Dão-se muita importância para a teologia calvinista, o modo do louvor e dos outros sacramentos, a crença cega nos anciões, a vestimenta e a padronização estrutural e litúrgica dos templos. Sua característica étnica mostrou-se acompanhar a origem de seu fundador, pois os líderes principais no Conselho de Anciões tinham origem italiana, assim como Francescon.

O *ethos* familista se perfaz ao longo dos anos, o ancião é a força que remete à tradição da Igreja. Fazendo-se uma referência à Congregação (nomenclatura) e ao *ethos* intrínseco do controle da parte estrutural e da membresia, na verdade, trata-se de

Outro tipo extremo, inverso ao “congregacional”. Dá grande ênfase à autonomia da igreja local, definindo os poderes em seu interior em termos carismáticos coletivos. Não aceita sequer a figura do pastor. É uma igreja anárquica, de tipo conservadora, com um controle estrito da comunidade sobre o comportamento dos membros. A autoridade local pertence a um corpo de anciões de reconhecida inspiração. Sua organização intradenominacional, que expressa um forte sentido de identidade, submete-se à precedência da comunidade local para assuntos administrativos e disciplinares (ANTONIAZZI, 1994, p. 201).

O modelo familista que reforça o estilo organizacional da CCB é o de parentesco e/ou patriarcal. A figura do fundador é exemplo de autoridade máxima, mesmo sem estar presente. Na estrutura familiar italiana, é feita a escolha da liderança por antiguidade. De forma oral, sustenta-se o imaginário da irmandade (ANTONIAZZI, 1994).

O critério estético, estereotipado e performático dos ornamentos como o vestuário é uma característica que faz o adepto ser reconhecido como tal. Os adereços formam o conjunto da tradição obrigatória:

Mesmo não sendo oficial e obrigatório, na tradição da “roupa de ver Deus”, o padrão masculino é o terno formal. Portanto, à exceção de alguns jovens e das crianças, todos os homens estão de paletó e gravata. O público feminino com roupas sóbrias, de saias compridas e nenhum decote ou mangas curtas, se assemelha ainda mais pelo universal e padronizado véu na cabeça, obrigatório durante os cultos. Mesmo que as mulheres sejam mais suscetíveis a mudanças de roupas e cabelos, o véu as uniformiza. Não há proibição de arrumar o cabelo, mas a despeito de milhares de cabelos distintos, no momento do culto, todas estão igualmente de cabeça coberta. As vestimentas sóbrias e igualitárias dos homens e das mulheres estão próximas a um fardamento (ALENCAR, 2013, p. 176).

A CCB se diferencia das outras do seu segmento no quesito da ‘liberalidade’ quanto ao uso de terno e véu. Não existe um parâmetro casuístico, mas pensando como modelo de comportamento. A tendência serve para mostrar suas propostas unificadas vistas em seus membros:

Exclusivista, afasta dos modismos e das constantes inovações e transformações do movimento pentecostal, continua com seu modo *sui generis*, sectário e pouco suscetível a influências externas. Apresenta poucas alterações comportamentais. O terno, traje ainda hegemônico entre os fiéis do sexo masculino, está deixando de ser obrigatório. Quanto às mulheres, nota-se que muitas passaram a cortar os cabelos e até a se maquiar (MARIANO, 1999, p. 204).

Nota-se a estrutura básica sendo mantida com o tempo. Vestimenta e comportamento devem estar atrelados para o seu puritanismo. Poucos detalhes são ligeiramente modificados, mantendo-se os usos e costumes mais comuns. O interessante é conseguir a obediência dos adeptos, pela revelação dos anciões:

A manutenção dos usos e costumes, neste caso, tem por base a obediência aos desígnios e ao mover do Espírito Santo, que se revela aos anciões da igreja, líderes eclesiais guardiães da fidelidade à tradição denominacional. Como a voz do Espírito não pode contradizer a palavra impressa da Bíblia, os anciões fundamentam tal tradição comportamental na leitura inspirada das Escrituras, regra de fé e ação para os evangélicos (MARIANO, 1999, p. 204).

Diante de suas caracterizações, certas inquietações surgem sobre o ornamento do véu sobre o cabelo. A alegação básica é da passagem bíblica em I

Coríntios, capítulo 11, sendo interpretada como justificativa plausível para tal costume. Entretanto, segue-se à risca a menção dessa história, não contextualizando aos motivos de Paulo ter endereçado sua carta.

Essa parte da Bíblia pode ser interpretada como um símbolo de diferenciação das mulheres que sofriam discriminação por terem cabelos curtos na cidade de Corinto, simbolizando também a importância do cabelo mais cumprido para a mulher diferenciar-se como cristã. A compreensão dessa passagem gera dubiedade de pensamento, podendo haver erro doutrinário, conforme defende Amaral (2002, p. 47-8):

O problema é que os irmãos da Congregação usam textos que se referem a usos e costumes, que denominamos Didaquê, e os aplicam como se fossem doutrinas importantes como salvação, a ressurreição, e todas as outras que se referem à obra que Cristo Jesus fez por nós na cruz do calvário, que chamamos de Kerigmática.

O campo através das observações e diálogo com as irmãs da igreja foi observado o uso do véu e sua padronização, a cor e tipo de tecido transparente. O adereço não cobre o cabelo, se difere uns dos outros por haver rendas variadas nas bordas do véu. Há a uniformização, com o objetivo de harmonizar. As mesmas relataram que não sabem do porque de usar e a fundamentação na bíblia, usam por tradição e respeito. Há a demonstração de hibridismo na aderência vista como cultural, podendo lembrar a tradição católica de quando as irmãs católicas usavam véu:

Em Israel as mulheres nunca cobriam a cabeça, e sim o cabelo, sempre com tecidos rústicos. Agora, a origem do véu transparente esta datado de 1854, usado pela primeira vez pela ordem católica das irmãs de Maria, quando feito o coronário de Maria como “mãe de Deus”. Este dogma da Imaculada Conceição, que decretou que Maria seria uma distinta da raça Adâmica, portanto concebida sem mácula do pecado original. O véu, portanto, que a Congregação herdou da Igreja Católica não tem absolutamente nenhuma ligação com as Sagradas Escrituras (AMARAL, 2002, p. 50).

Usos e costumes são defendidos pela denominação em estudo. Mais que um ato litúrgico, um hábito costumeiro que é seguido sem questionamentos. Além disso,

saúdam uns aos outros com a menção “a paz de Deus” e com o ósculo<sup>17</sup>, conduta rejeitada por outras igrejas do mesmo segmento. Contudo, a saudação somente se dá por membros do mesmo gênero, pois “[...] é proibido cumprimentos entre homens e mulheres, e há o costume da igreja terem duas portas de saída na igreja um para homens e outra para mulheres” (AMARAL, 2002, p. 51).

A linguagem religiosa promove o *ethos* marcante. Uma marca forte e registrada é a “ética protestante”, norteadora e basilar de comportamento dos seus fiéis, de trabalhar arduamente para ter ascensão social (ANTONIAZZI, 1994). De uma cultura de total apoliticismo, buscam subterfúgios contra as armadilhas do “mundo”, firmam-se na ideia de que

Fundamental é a rejeição dos meios de comunicação, os quais se associam facilmente à atividade política, quer pelo poder que dão aos seus detentores e atores, quer pela necessidade de respaldo político para seus donos. A abstenção da mídia protege a CC da tentação política corporativista. A organização familista não deixa espaço para os sonhos de projeção dos profissionais da religião e seus protegidos. O custo operacional da igreja é baixíssimo, diminuindo a necessidade de contatos políticos. O *ethos* a protege da ânsia de *status social*, e o dualismo espiritualista tem mérito de dificultar a projeção humana revestida em linguagem religiosa (ANTONIAZZI, 1994, p. 108).

A padronização espiritualista dos adeptos recaiu em um hábito costumeiro, justificando-se a seu modo. A construção se dá por mutirões voluntariados, padronizar então é um facilitador da manutenção desse seguimento. O seu estilo arquitetônico, o letreiro que vai acima do púlpito com os dizeres “Em nome do Senhor”, as cores com predominância do cinza claro, formam o conjunto do padrão nacional que projeta a uniformidade das igrejas mais periférica e das centralizadas (ALENCAR, 2013).

Apesar de existirem hoje uma quantidade considerável de templos grandiosos, fazem-se adaptar às novas regras de arquitetura e urbanismo em respeito ao código de postura de cada município como, por exemplo, a obrigatoriedade de estacionamentos, quanto à acessibilidade já consta em lei

---

<sup>17</sup> O termo ósculo é sinônimo de beijo que pode ser “[...] dado como prova da amizade, de respeito ou de veneração; beijo cerimonioso ou formal: todos os fiéis davam ósculo na mão do papa; árabes e israelenses trocam hoje o ósculo da paz” (SACCONI, 2010, p. 1500). O beijo é uma tradição de outras culturas, como os judeus e gregos, bem como da liturgia Ortodoxa. Mas, na CCB, sempre é dado entre pessoas do mesmo sexo.



federal, segurança e outros. Mesmo assim a CCB tem mantido sua identidade dos templos (ALENCAR, 2013).

Assim, a Igreja é considerada pentecostal mais conservadora na preservação de seus traços originais, entretanto não absolutamente, por algumas pequenas mudanças. Houve alterações nas orquestras (formação e execução de hinos), na construção dos templos, na estrutura de hierarquia de poder (no início não existia o conselho de anciões) (ALENCAR, 2013).

A estruturação do templo complementa tal padronização interna e externa. Como uma forma de uniformizar as igrejas periféricas das outras de localidades mais nobres. Com isso, similariza os custos de construção, diferenciando-se apenas por questões ambientais a necessidades da região. Existem construções flutuantes para casos de enchentes, outras com ar condicionado pelo excesso de calor (MONTEIRO, 2010).

Quanto a certos atos puritanos, a CCB permite comercializar e consumir bebidas alcoólicas. O uso moderado de álcool tem aceitação entre os membros. Contudo, na visão de alguns, a permissão contradiz o legalismo, sendo um hábito do homem “do mundo”. O distanciamento desse mundo acaba não sendo totalmente, pela aderência de práticas comuns. Ressalta-se que

As igrejas que seguem a doutrina evangélica e que procuram obedecer e servir ao Senhor Jesus, não podem permitir bebidas fortes, e muito menos comercializá-las ou dar apoio àqueles que a consomem. Devem sim ajudá-los a deixar o vício para servirem o Senhor (AMARAL, 2002, p. 100).

A permissividade do consumo de álcool mostra que não existe o trabalho social e espiritual voltado para reverter as estatísticas do alcoolismo. Afinal, o tal uso moderado vai depender da consciência de quem bebe. As motivações individuais podem desdobrar-se em contrassensos de seus membros.

A partir da demonstração da estrutura, doutrina e liturgia da CCB, um fenômeno religioso com suas peculiaridades/particularidades, logrou responder à busca/motivação dos fiéis pela instituição, através única e exclusivamente da metodologia a seguir trabalhada. Foi o mecanismo adotado para viabilizar a pesquisa de campo e obter a resposta eficaz do tema da dissertação.

## 2 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO

A metodologia deste estudo serve de recurso para elaboração sistemática dos objetivos propostos de analisar as motivações dos fiéis de pertencerem à membresia da CCB. O vínculo institucional dos adeptos se liga às demandas coletivas que transitam em um sentido de autonomização e empoderamento individual. Com isso, pode-se contribuir com resultados do debate sobre as questões fluídas do mercado religioso, do qual a Igreja parece abster-se.

### **2.1 Processos e Procedimentos Iniciais para o Desenvolvimento da Pesquisa de Campo**

A pesquisa empírica será tratada neste capítulo, segue o elemento essencial desse tipo de investigação científica: um procedimento padrão, a partir do projeto de pesquisa, que deve ser vinculado de normas técnicas e ser ater às etapas propostas no trabalho. Têm-se clareza do objeto, da justificativa que enseja na importância, das questões levantadas e das hipóteses, tudo com base primordial em referenciais teóricos. Depois, a elaboração do questionário ajuda a dar segmento à pesquisa que envolve seres humanos, por isso, com a obrigatoriedade de se submeter a um processo de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), a instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que, por sua vez, é subordinada ao Ministério da Saúde (MS).

Após a submissão, foram respeitados na íntegra os pedidos de complementação, retificação e juntada de documentos exigidos pelo CEP. Juntamente com o projeto de pesquisa também foi enviado para apreciação no CEP, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) consta da responsabilidade que deve ter com a pesquisa de campo envolvendo seres humanos. O termo contém os dados da pesquisadora, orientador, instituição, objetivo da pesquisa, título da pesquisa, os riscos e benefícios, bem como a declaração de que o participante do estudo terá acesso à assistência integral e gratuita por danos diretos ou indiretos oriundos de sua participação.

Obedece-se ao sigilo das identidades que se submeteram a responder ao questionário. Antes da aplicação das perguntas, são entregues duas vias para serem assinadas, uma fica com a pesquisadora e a outra com o participante. É um termo que o torna ciente da seriedade da pesquisa, bem como da possibilidade de desistência a qualquer tempo, sem nenhum tipo de penalidade.

Esse procedimento durou cerca de três meses até o parecer favorável, denominado de Parecer Consubstanciado do CEP. Pelo sistema da Plataforma Brasil, foi encaminhado à aprovação para pesquisar, o número que consta no Parecer é 2044068. CEP é a instância da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que é responsável por realizar e analisar a ética de projetos de pesquisa. Sua aprovação se dá mediante o seguimento dos princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares do Conselho Nacional de Saúde 466/12, pautados pelo respeito do princípio maior da dignidade da pessoa humana, com fulcro na ética e na moral, buscando aprimorar o conhecimento científico e intelectual.

Com a posse do Parecer favorável, o projeto foi considerado apto a ir ao campo para iniciar a pesquisa. A obtenção dos resultados almejados demonstra por gráficos a motivação dos membros em participarem do crescimento da denominação CCB. Pode ser demonstrada a seguir pela metodologia aplicada/utilizada no estudo.

## **2.2 A Metodologia da Pesquisa**

Para a obtenção confiável dos resultados esperados, foi utilizada a pesquisa empírica. Para tanto, adotou-se a metodologia quantitativa - *survey*, com a qual a coleta dos dados se deu por meio de questionários estruturados, e posteriormente, foi feita a medição das variáveis e das associações entre elas. O universo pesquisado se restringiu aos membros e fiéis da CCB, mais especificamente em Goiânia.

O número de questionários foi determinado pelas disposições de sujeitos em participar do estudo. Por ser uma abordagem quantitativa, o tipo de amostra a ser utilizada é a não probabilística (BABBIE, 1999, p. 154) com cotas de sexo (+/- 50% homens e +/- 50% mulheres) e idade (acima de 18 anos) entre os membros da

denominação pesquisada. O questionário composto de 11 questões de cunho fechado direcionou as respostas de 30 pessoas.

Quanto à análise dos riscos e benefícios dos sujeitos que se submeteram ao questionário, é demonstrada a ciência da pesquisa pelo TCLE discorrido no tópico acima, amparado pela Resolução CNS 455/12. É uma forma relevante de se preservar o pesquisador e o participante, quanto ao local apropriado para tal realização do feito, bem como dos problemas emocionais oriundos da pesquisa. Os participantes devem saber da sua contribuição na pesquisa, com o objetivo de melhor compreensão do estudo, ampliação da sua visão de mundo e de seu papel no processo de construção da realidade social. A qualquer tempo, ele tem possibilidade de desistir de continuar com a pesquisa, sem qualquer prejuízo ou dano maior, sendo preservada sua identidade.

A pesquisa de campo necessitou de recurso, sendo seu custo para sua realização, com equipamentos, materiais, transporte/condução para coletar os dados dos participantes, que se dariam fora dos templos da CCB, em suas casas ou local de trabalho, correndo por conta da pesquisadora responsável (MEIHY (1996). Pela caracterização deste estudo, não houve dano algum aos participantes, mas se caso houvesse danos e/ou imprevistos, que causasse desconforto de cunho psicológico, a eles caberiam indenização nas formas definidas pela Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012.

A análise do campo como observadora/pesquisadora usou o recurso de envolver participantes para se ter melhor entendimento do fenômeno religioso de uma instituição “fechada”, subsidiada por referências teóricas que observam pontos relevantes do Pentecostalismo da CCB. As características da Igreja ensejam num núcleo com muitas lacunas, por não disponibilizar material documental e entrevistas de maneira aberta, somente sendo possível a amostra por um lapso de abertura dos adeptos.

### **2.3 Características e Singularidades do Campo Religioso**

O estudo sobre o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo no Brasil foi apresentado com as características preponderantes da agremiação pesquisada. Com sua postura sectária e de práticas ascéticas, avessa a mudanças, ainda

mantém sua tradição, da forte crença predestinacionista entendida como puritana. Opta-se pelo distanciamento dos recursos tecnológicos e de automação para divulgar os preceitos da Igreja. Há a ausência de proselitismo (evangelização itinerante), de acordo com Monteiro (2010) o proselitizar é restrito, e seu crescimento se dá por ação interpessoal. Mas, o maior desafio para pesquisá-la foi se deparar com o fato de não haver quase nenhuma fonte escrita sobre a CCB, além da dificuldade de conseguir as entrevistas (ANTONIAZZI, 1994).

Nesta investigação empírica, o contato com membros da CCB para a pesquisa fundamentou as teses dos autores quanto à entrevista, a coleta de dados, à apresentação de um questionário de pesquisa científica, a obtenção de informações da história da Igreja e sua chegada à Goiânia, entre outros quesitos. Verificou-se que os participantes precisaram falar com o corpo ministerial de sua Igreja antes para pedirem direcionamento das suas vidas ao líder religioso, tanto ao ancião quanto ao cooperador. Houve a percepção de que, por escolha própria, gentilmente alguns se distanciavam da pesquisadora, deixando de responder a e-mails, não atendendo aos telefonemas ou alegando que posteriormente poderiam preencher os questionários oriundos da própria agremiação. Apesar de toda dificuldade, os resultados da pesquisa foram possíveis de ser mostrados de maneira positiva, porque as informações coletadas propiciaram e deram o êxito das contribuições.

Na difícil tarefa de aplicação dos 30 questionários, foi perceptível a necessidade de haver uma aproximação entre a pesquisadora e os membros da CCB para demonstrar pelo contato amigável que não havia nada ameaçador aos fiéis singulares nem ao todo da comunidade. Responsabilidade, respeito e comprometimento com a pesquisa foram esclarecidos. O uso de vestimentas similares da pesquisadora com os membros do sexo feminino ajudou a criar um clima de similitude, amizade e confiança para obter as informações necessárias que resultaram nesta pesquisa empírica, surgiu a abertura também para chegar aos homens e aplicar os questionários, sem eles recorrerem aos seus líderes religiosos.

O respeito do momento e do espaço de cada um foi resguardado para criar a situação da aplicação do questionário e o saneamento de dúvidas acerca das questões. Demonstrou-se o interesse da pesquisadora em fazer a pesquisa sobre os

membros da CCB, dando importância ao conhecimento que eles poderiam repassar de forma a contribuir com a coleta e a tabulação dos dados.

## **2.4 Coleta e Tabulação dos Dados**

A árdua busca em obter respostas para as indagações da pesquisa fez parte desse processo de realizar a coleta de informações sobre a CCB. O instrumento utilizado foi o questionário, tendo em vista que o levantamento proposto seria melhor escolha para a obtenção de tal feito. Por ser uma denominação “fechada”, com pouca fonte bibliográfica, o meio escolhido pode contribuir com a tabulação dos dados.

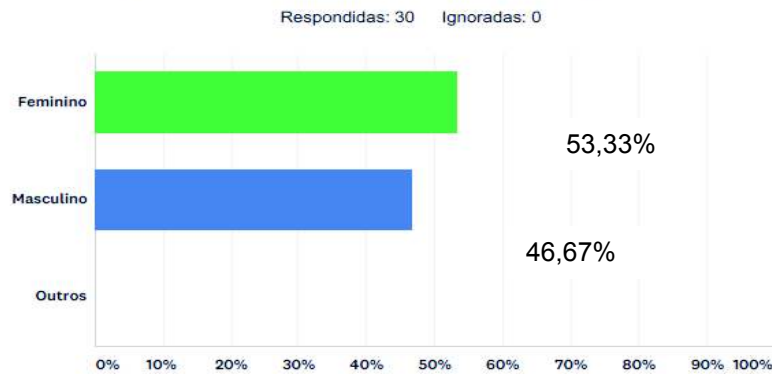
Convém ressaltar que, apesar de existirem alguns trabalhos disponíveis acerca da CCB, da sua trajetória e fundação no Brasil, esta pesquisa é pioneira na academia a qual faço parte, por estar situada na perspectiva do membro. Mesmo sendo em forma de questionário fechado, houve troca de informações e diálogo entre participantes e pesquisadora, podendo até se configurar como uma entrevista informal, pela qual foram anotados os registros das conversas à *posteriori*.

A observação das colocações dos participantes foi de suma importância: o contato direto possibilitou a compreensão de informações colhidas também no questionário. A troca de experiência com o fenômeno observado esclarece a realidade dos atores sociais no contexto em análise.

A coleta dos dados pelo questionário de 11 questões se deu com 30 pessoas, que foram previamente esclarecidas da importância para pesquisa científica e de sua contribuição para a sociedade entender o fenômeno religioso estudado. Após a coleta dos dados, observou-se a consistência, os saltos, a codificação e a recodificação da mostra em um programa de computador do tipo científico. Realizou-se um cadastro pago por um mês desse programa para analisar as variáveis e a construção dos gráficos apresentados na pesquisa.

A seguir, os gráficos obtidos com a pesquisa de campo e a apresentação respectiva a cada pergunta servem para evidenciar o resultado almejado, os indicadores da busca, o que regem os fiéis em sua fidelização aos princípios norteadores de sua denominação.

### Q1 Qual a sua orientação de gênero?



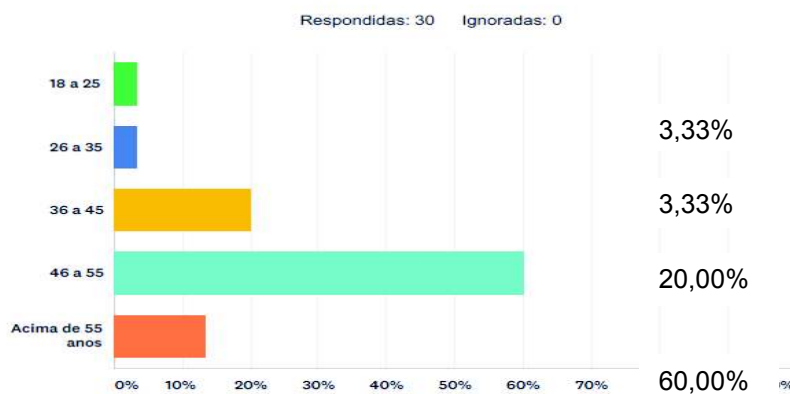
OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
Feminino	53,33%	16
Masculino	46,67%	14
Outros	0,00%	0
TOTAL		30

**Gráfico 1:** Pergunta sobre o gênero

Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

A amostra acima sobre gênero apresenta os seguintes percentuais, 53,33 % eram de mulheres e 46,67% de homens. Observa-se que a maioria feminina pode representar a maior abertura delas a participarem de algo que não as deixem com algum receio de danos.

### Q2 Qual a sua idade?



OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
18 a 25	3,33%	1
26 a 35	3,33%	1
36 a 45	20,00%	6
46 a 55	60,00%	18
Acima de 55 anos	13,33%	4
TOTAL		30

**Gráfico 2:** Pergunta sobre a idade

Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Pelo gráfico da questão dois, a idade mostra que a porcentagem maior foi de 60% da faixa etária entre 46 a 55 anos. Os que se submeteram ao questionário são adultos, demonstrando a idade intermediária dos que resolveram participar da pesquisa. Em segundo lugar, representando 20%, está o grupo dos 36 a 45 anos. Em terceiro, os participantes acima de 55 anos. Com um percentual de 3,33%, ficaram os jovens entre 18 e 35 anos.

### Q3 Qual a sua escolaridade?



OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
1ª a 4ª série/primário	40,00%	12
5ª a 8ª série/ensino fundamental	30,00%	9
Ensino médio	23,33%	7
Superior incompleto	6,67%	2
Superior completo	0,00%	0
Sem escolaridade	0,00%	0
<b>TOTAL</b>		<b>30</b>

**Gráfico 3:** Pergunta sobre a escolaridade

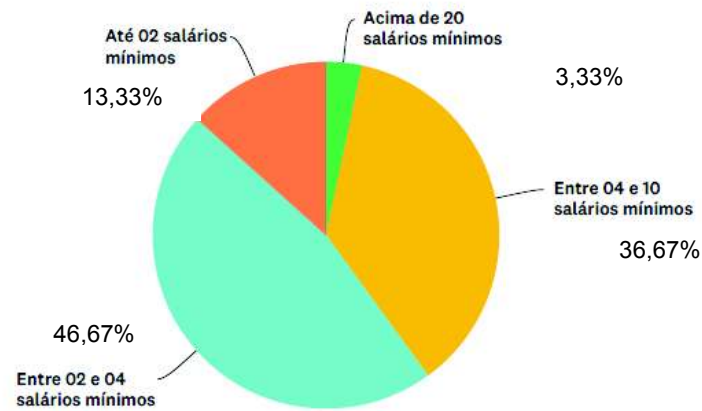
Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Percebe-se pela amostra retro, o nível de escolaridade dos participantes. Têm-se que 40% estudaram até a 4ª série do antigo primário; 30% cursaram até a 8ª série do ensino fundamental; 23,33% concluíram o ensino médio e 6,67% não completaram o ensino superior. Não houve mostra de pessoas sem escolaridade, nem que concluíram o ensino superior.



### Q4 Qual a sua renda individual?

Respondidas: 30 Ignoradas: 0



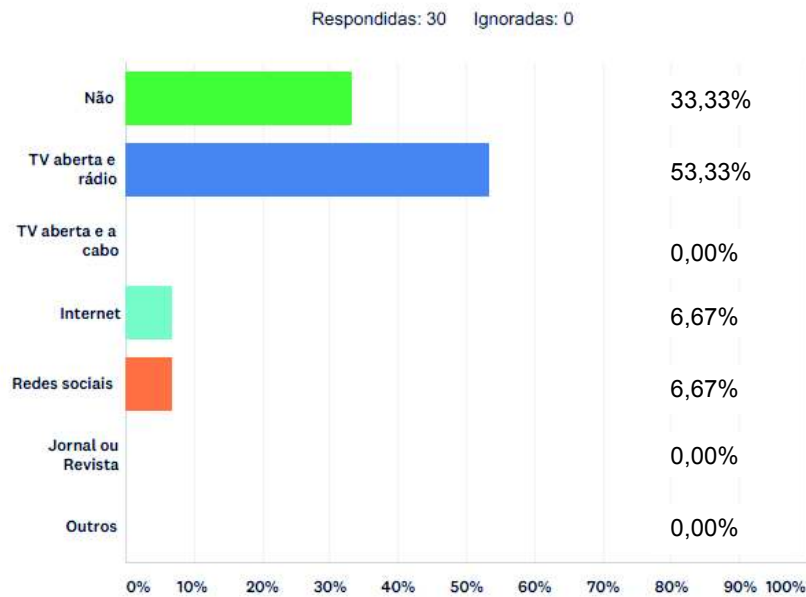
OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
Acima de 20 salários mínimos	3,33%	1
Entre 10 e 20 salários mínimos	0,00%	0
Entre 04 e 10 salários mínimos	36,67%	11
Entre 02 e 04 salários mínimos	46,67%	14
Até 02 salários mínimos	13,33%	4
Sem renda	0,00%	0
<b>TOTAL</b>		<b>30</b>

**Gráfico 4:** Pergunta sobre a renda

Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Na amostra sobre a renda individual é de que 46,67% recebem até quatro salários mínimos, 36,67% recebem até dez salários mínimos, 13,33% recebem até 02 salários mínimos, 3,33% recebem acima de 20 salários mínimos, os que recebem entre 10 e 20 salários mínimos e os que não possuem renda é de 0%. Enseja que todos os pesquisados tem emprego.

### Q5 Você tem acesso a informação social fora da comunidade religiosa - CCB?

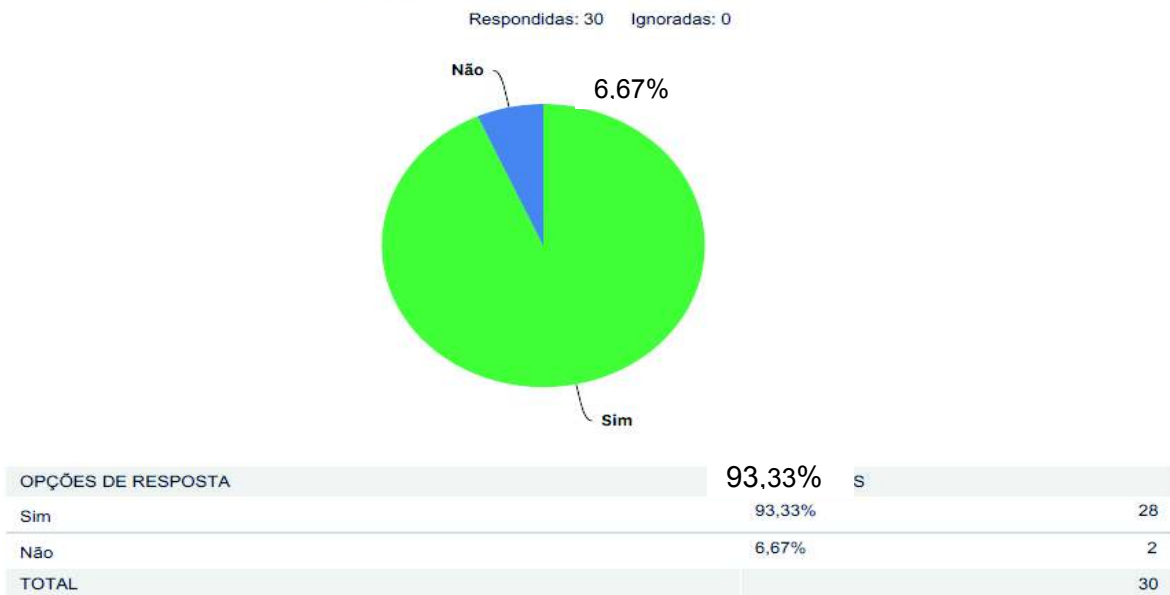


OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
Não	33,33%	10
TV aberta e rádio	53,33%	16
TV aberta e a cabo	0,00%	0
Internet	6,67%	2
Redes sociais	6,67%	2
Jornal ou Revista	0,00%	0
Outros	0,00%	0
<b>TOTAL</b>		<b>30</b>

**Gráfico 5:** Pergunta sobre acesso à informação  
 Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Na amostra sobre o acesso à informação social fora da comunidade, a maioria consegue ter informação via TV aberta e rádio, havendo o percentual de 53,33%. Já os 33,33% não possuem nenhum tipo de informação fora da sua comunidade. Os que possuem *internet* e redes sociais em casa somam apenas 6,67% e com TV aberta e a cabo, revistas e outros 0%.

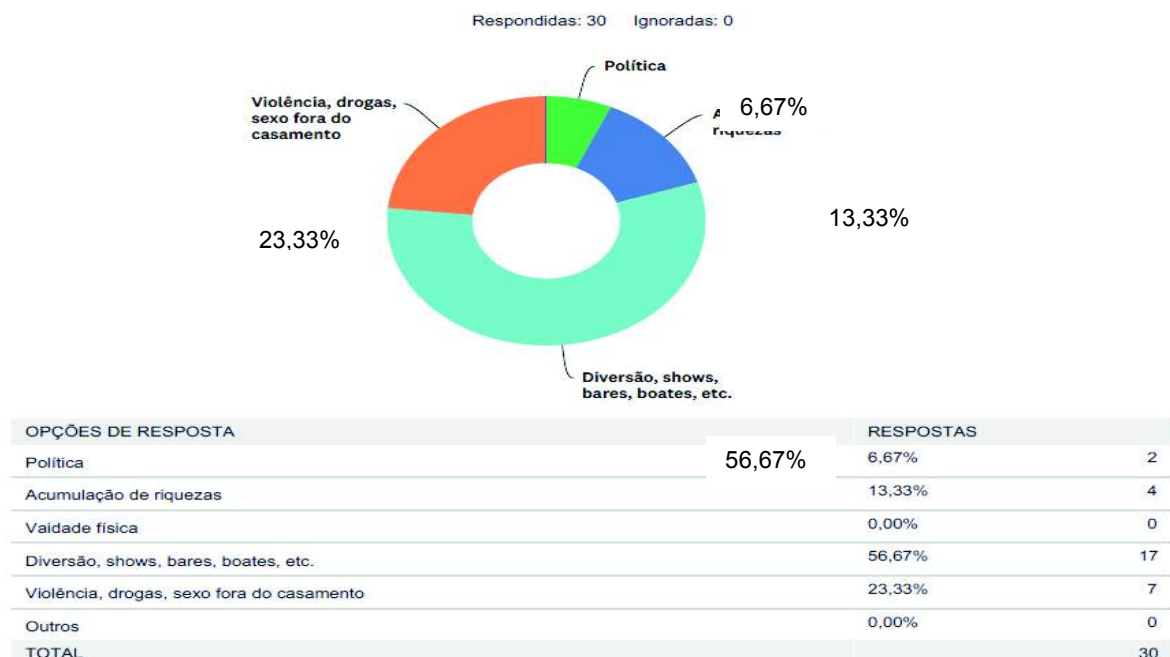
Q6 Você acredita que a relação da pessoa no mundo fora da igreja possa levá-la à perdição espiritual?



**Gráfico 6:** Pergunta sobre a relação que a pessoa pode ter com o mundo  
Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Os pontos de vista da maioria são de manter distanciamento com o mundo, pois em sua relação no mundo pode sofrer várias influências. A diferença é discrepante: 93,33% afirmam que sim e 6,67% acham que não leva à perdição.

Q7 Na sua opinião quais dessas ações no mundo são, representam ou estão associadas ao pecado ou a condenação espiritual?

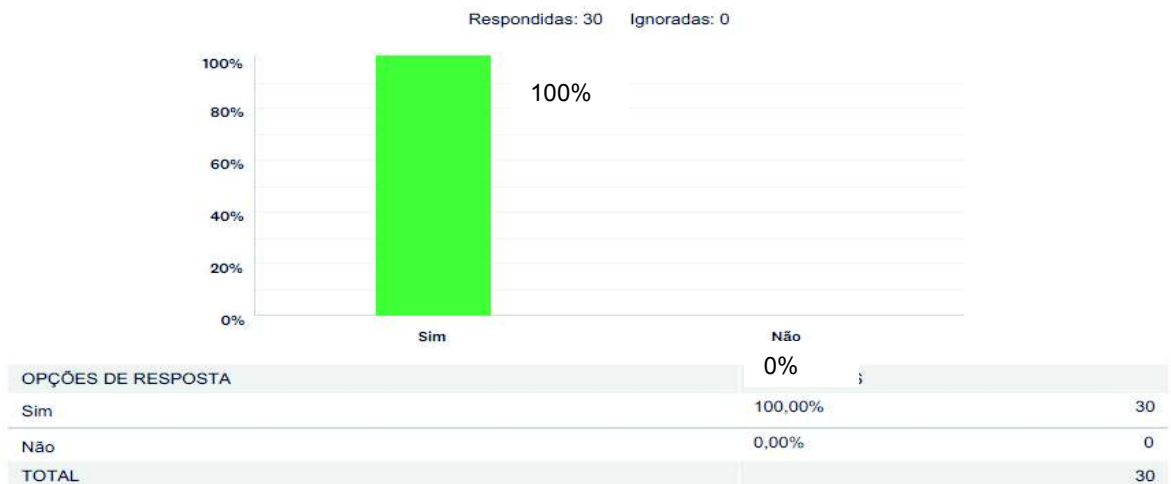


**Gráfico 7:** Opinião sobre certas ações no mundo  
Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Na amostra retro, as ações que possam estar relacionadas ao pecado e a futura condenação espiritual apresentam 56,67% dos afirmam que diversão, *shows*, bares, boates e outros levam o ser humano ao pecado, 23,33% acham que violência, drogas, sexo fora do casamento podem representar ligação direta com o pecado, 13,33% assimilam a atitude pecaminosa com a acumulação de riquezas e 6,67% relacionam pecado com a política.

A finalidade de compreender o que representa aos fiéis da CCB pecado ou a condenação espiritual, metodologicamente como pesquisadora participante, utilizei a técnica de escutar no momento da aplicação do questionário, a grande maioria das mulheres principalmente, alegaram que todos os itens de opção de resposta estariam associados ao pecado e seriam condenadas ao inferno em caso de incorrer nesses tópicos descritos. Mas, que a maior luta é o distanciamento da diversão, *shows*, bares, boates, etc, que causam maior fragilidade e busca de fortalecimento na fé.

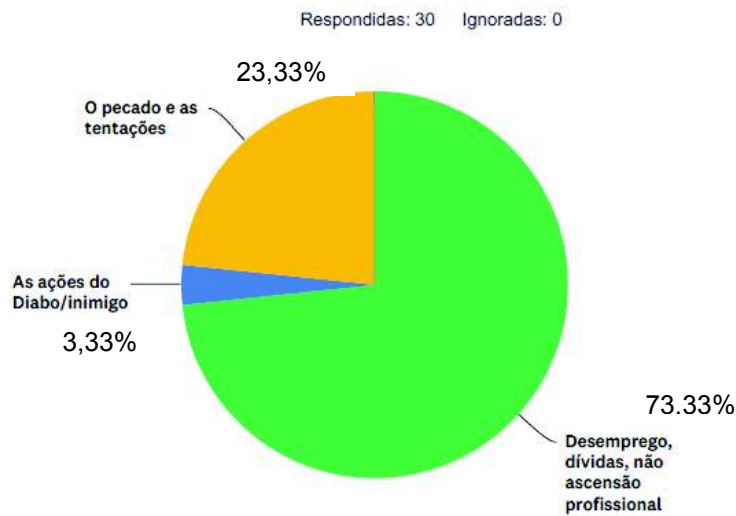
**Q8 Você acredita que o seu vínculo com a Igreja CCB te protege das incertezas do mundo?**



**Gráfico 8:** Percentual dos acham que a igreja protege do mundo  
 Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Esses adeptos acreditam na proteção que a Igreja lhes propicia só de estarem vinculados a ela. As incertezas do mundo geram preocupações unânimes dos membros e frequentadores. Desse modo, afirmam a sensação de proteção encontrada na CCB.

### Q9 Quais das questões abaixo representam ameaças a sua espiritualidade ou te fragilizam no mundo?



OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
Desemprego, dívidas, não ascensão profissional	73,33%	22
As ações do Diabo/inimigo	3,33%	1
O pecado e as tentações	23,33%	7
Problemas afetivos	0,00%	0
Problemas de saúde	0,00%	0
Outros	0,00%	0
TOTAL		30

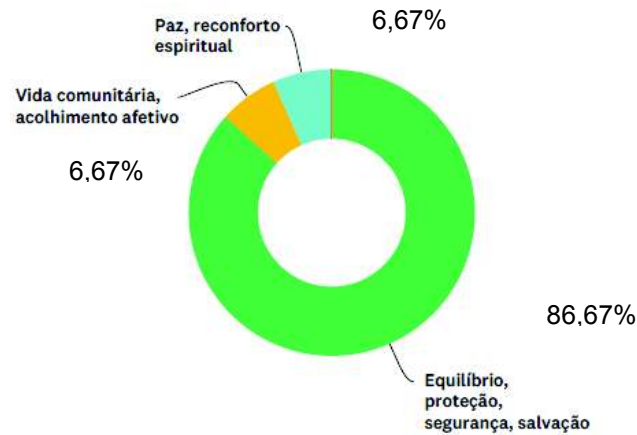
**Gráfico 9:** O que pode representar ameaças à vida

Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Na amostra deste gráfico, utilizou-se a técnica escuta ativa como pesquisadora, tendo em vista que no momento da leitura desta questão, a maioria disse que todas as opções de respostas representam ameaça a espiritualidade, mas o maior temor é o desemprego. As questões vistas como ameaças à vida estão representadas pelo medo do desemprego, de dívidas ou não conseguir ascensão profissional com 73,33%, o pecado e as tentações somam 23,33%, as ações do diabo e os problemas afetivos estão na margem de apenas 3,33% e quanto aos problemas de saúde e outros não houve percentual.

### Q10 Quais são as suas buscas na Igreja CCB?

Respondidas: 30 Ignoradas: 0



OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	Porcentagem
Equilíbrio, proteção, segurança, salvação	26	86,67%
Prosperidade, status social, encaminhamento da vida	0	0,00%
Vida comunitária, acolhimento afetivo	2	6,67%
Paz, reconforto espiritual	2	6,67%
Outros	0	0,00%
TOTAL	30	

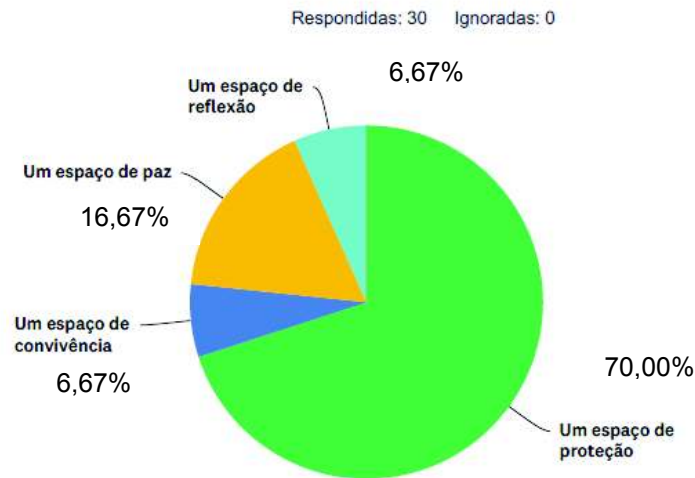
**Gráfico 10:** O que os adeptos buscam na CCB

Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

Na amostra referida, percebe-se o que motiva os adeptos a buscar a CCB. Com 86,67%, há os que procuram equilíbrio para a vida, proteção de muitos males, segurança em pertencer à Comunidade e investem na salvação; os 6,67% apontam sua busca por ter uma vida comunitária e estar em paz, sentindo-se em reconforto espiritual. O item que aponta para quem almeja prosperidade, *status* social, encaminhamento da vida e outros teve percentual de zero.

Para a mostra desse gráfico, na hora da participação de responder ao questionário, alguns participantes liam e falavam em voz alta que buscavam proteção e salvação, dando a entender que são as opções mais comuns de todos na CCB.

### Q11 Quais das referências abaixo representam a CCB na sua percepção?



OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
Um espaço de proteção	70,00%	21
Um espaço de convivência	6,67%	2
Um espaço de paz	16,67%	5
Um espaço de reflexão	6,67%	2
Outros	0,00%	0
<b>TOTAL</b>		<b>30</b>

**Gráfico 11:** O que representa a CCB

Fonte: Elaborado por Gláucia Borges Ferreira de Souza (2017).

O gráfico apresentado faz referência ao que representa a CCB na concepção analítica dos membros que foram submetidos ao questionário. O fato de ser um espaço de proteção representou 70,00%, o percentual de 16,67% destacou que representa um lugar de paz, os 6,67% elegeram o *lócus* como espaço de reflexão e de convivência.

Os participantes desta pesquisa alegaram que, dentre os itens de opções apresentados na questão 11 que se liga ao gráfico 11, há a ideia de que a Igreja é um espaço de proteção, apesar de também ser lugar de paz, conveniência e reflexão. Pode se notar que é possível compreender os motivos que fazem os membros se fidelizem nessa agremiação. Eles buscam por aquilo que sentem necessidade na vida e acham que lá estão seguros para ir ao encontro do objetivo de obter proteção e salvação.

### 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS E PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA

Desde as questões iniciais da pesquisa de campo, observou um panorama do perfil e das motivações dos membros, observando idade, sexo, nível de escolaridade, renda individual e meios de acesso à informação, entre outras. Essa abordagem reflete no levantamento socioeconômico deles. Com isso, tem-se a análise mais ampla dos resultados.

#### **3.1 As Motivações Individuais dos Membros da CCB numa Perspectiva Socioeconômica**

A análise da vida socioeconômica dos adeptos da CCB participantes desta pesquisa aponta para os perfis dos participantes. O questionário serviu para apontar que a maioria são mulheres, com idades de 46 a 55 anos. O nível de escolaridade está entre 1ª e 4ª série/primário, renda de 2 a 4 salários mínimos, tendo pouco acesso à informação. A TV aberta e o rádio são os meios mais comuns, havendo uma parcela considerável dos que não possuem nenhum tipo de acesso.

Com esses dados, há um indicativo da condição socioeconômica dos membros, que pode ser denominada de “precarização”, porém foi percebido com a pesquisa de campo a inquietude, o que mais causa insegurança, não é a precarização, não é sua baixa renda no mercado de trabalho e suas condições empregatícias, e sim o desemprego, a angústia de não ter como prover sua família, de não estar inserido no mercado produtivo e conseqüentemente na sociedade/igreja. Os múltiplos fatores retratam a realidade da vida deles que influenciam na subjetividade dos mesmos, podendo induzi-los as certas escolhas nas dimensões da sociedade - social, cultural, religião, econômica. A afinidade dos adeptos com a CCB reflete nos paradigmas compreendidos nas respostas, como aponta Michael Lowy:

Afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuo e convergência ativa. Sem se colocar no lugar de outros paradigmas analíticos, explicativos ou compreensivos, a afinidade eletiva pode constituir uma nova perspectiva, até agora pouco explorada, no campo da Sociologia da Cultura (LOWY, 2011, p. 141).



A religiosidade passa a ter relação direta na vida social, assim emergem as motivações individuais que fundamentam a afinidade eletiva compreendida por Lowy. O sujeito se compreende dentro de um discurso dialético dos contextos sociais, culturais e religiosos. Sua vida no âmbito socioeconômico reflete no mundo religioso, pois as declarações são de restrição financeira e de informação.

Com isso, conforme Weber (1991), entende-se o pressuposto de que o indivíduo ora dimensiona, ora restringe seu campo social e religioso, compreendendo se meio de forma racionalizada ou limitada. Pela sua capacidade de atuar, ficam definidas suas escolhas com saberes e valores próprios. A busca por significado se resume em encontrar um sentido para sua fé que parece se materializar no cotidiano.

O quesito religioso, em face dos membros buscarem se aproximar dos que pensam iguais a si, é sua atração que perpetua seus interesses e suas experiências comuns à comunidade. O representante espiritual é seguido, pois creem que é detentor de atributos religiosos únicos para exercer o domínio. Tal poder o legitima a requerer a obediência dos membros da denominação:

[...] nenhuma dominação contenta-se voluntariamente com motivos puramente materiais ou afetivos ou racionais referentes a valores, como possibilidades de sua persistência. Todas procuram despertar e cultivar a crença em suas legitimidades. Dependendo da natureza da legitimidade pretendida diferem o tipo de obediência e do quadro administrativo destinado a garanti-la, bem como o caráter do exercício da dominação. E, também, com isso, seus efeitos (WEBER, 1991, p.139).

A subjetividade do líder passa a ser sua legitimadora posição espiritual. As impressões sobre sua liderança formam o entendimento de que a religião tal como é torna-se necessária. Ela se identifica com o anseio do indivíduo. Isso o motiva a continuar em sua religião, que o dá certa garantia de viver no que ele entende como bem-estar religioso e social. Ele pensa que ao se subentender às regras religiosas seu plano terreno e espiritual estarão satisfeitos para o sucesso: “[...] para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra” (WEBER, 1991, p. 279).

Este raciocínio sugere a não preocupação como *post mortem* e sim *inter vivos* (DAMIÃO; HENRIQUES, 2000). Isso pode inferir na teoria da predestinação como

forma de a CCB manter o simbolismo religioso tradicional. O ato de conservar dogmas impositivos (como o uso obrigatório do véu) pode servir de atração, principalmente para o universo feminino.

Apesar de o assunto do ornamento véu não fazer parte do questionário, foi apontado como um fator motivacional e de identificação da membresia: “tradição faz parte do rito e sempre foi assim”. Esse diálogo ressalta que a referencialidade à tradição sugere ser algo inquestionável, apenas deve ser seguida. O poder da dominação reside nesse não questionamento, sendo “[...] toda a probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistência, seja qual for o fundamento dessa probabilidade” (WEBER, 1991, p. 33).

Essa agremiação religiosa se firma no viés tradicional, configura numa dominação que não enfrenta questionamentos dos adeptos sobre hábitos, costumes e crenças. O domínio da tradição incorpora-se aos líderes contemplando a sucessão dos que mandam e dos que obedecem. Há os reflexos doutrinários enraizados por longas práticas, parecendo ou não irracionalidade, mas sendo estáticos.

Para Geertz (2001), existem três pilares da religião: sentido, identidade e poder. O primeiro faz o indivíduo buscar na instituição religiosa aquilo que se transforma em sua razão de ser. A identidade é (re)formada para que o sujeito se sinta à vontade para legitimar o poder que se perpetua na tradição. Nota-se que

[...] os ideais religiosos e as atividades práticas avançam juntos, aos tropeços, à medida que se deslocam pela história, constituindo, a rigor, um processo inseparável, que o “Sentido” começou a ser visto como algo mais, ou como algo diferente de um verniz convencional, aplicado sobre uma realidade estável (GEERTZ, 2001, p. 153).

A dimensão religiosa está dentro do conjunto que envolve seus seguidores. A percepção individual passa a fazer parte da coletiva e vice-versa. Com isso, a religião permeia várias concepções da vida, ela movimenta o lado identitário dos indivíduos:

O movimento das identidades religiosas e das questões religiosas em direção ao centro da vida social, política e até econômica talvez esteja disseminado e crescendo, tanto em escala quanto em importância. Mas não é um fenômeno unitário, a ser uniformemente descrito. Existem tantas variedades de “experiência religiosa”, ou, se quisermos, expressões da experiência religiosa, quantas sempre existiram. Ou talvez mais (GEERTZ, 1991, p. 164).

O hábito, o costume e a tradição conjugam-se dentro da vida cotidiana dos membros da CCB. As condutas da mostra podem ser refletidas no todo que fortalece os laços identitário. As respostas do grupo de participantes servem para a análise geral do campo pesquisado.

Mulheres e homens se juntam em prol do referente apreço pela religião, porém elas não desempenham nenhum papel de representatividade hierárquica na Igreja. Contudo, buscam se aproximar e estar ligadas aos interesses do grupo. O quadro socioeconômico delas pode ser uma dificuldade de discutirem sobre os dogmas da CCB.

O universo religioso feminino apresenta o sentido de caráter individual das escolhas. A vida comunitária na agremiação retrata a suposta preferência dos indivíduos frente à comunidade. As particularidades fundem-se ao processo motivacional.

Desse modo, esse campo religioso mostra sua capacidade de proselitismo midiático e automação, pelo modo sectário, ajusta os fatores que condicionam sua membresia. Um exemplo foi mostrado no gráfico cinco, referente ao acesso à informação, que a maioria não tem acesso ou tem somente de TV com canal aberto. Sinaliza que a renda reflete diretamente no consumo, no pensamento e nas escolhas do público.

A CCB é uma exceção no universo pentecostal, não se apropria de métodos comunicativos de massificação, fazendo com que seus adeptos se vejam diferentes de outras denominações evangélicas do mesmo segmento. A restrição absoluta de assistir TV num passado próximo ainda repercute na atualidade, pois muitos não se apropriam desse meio de comunicação.

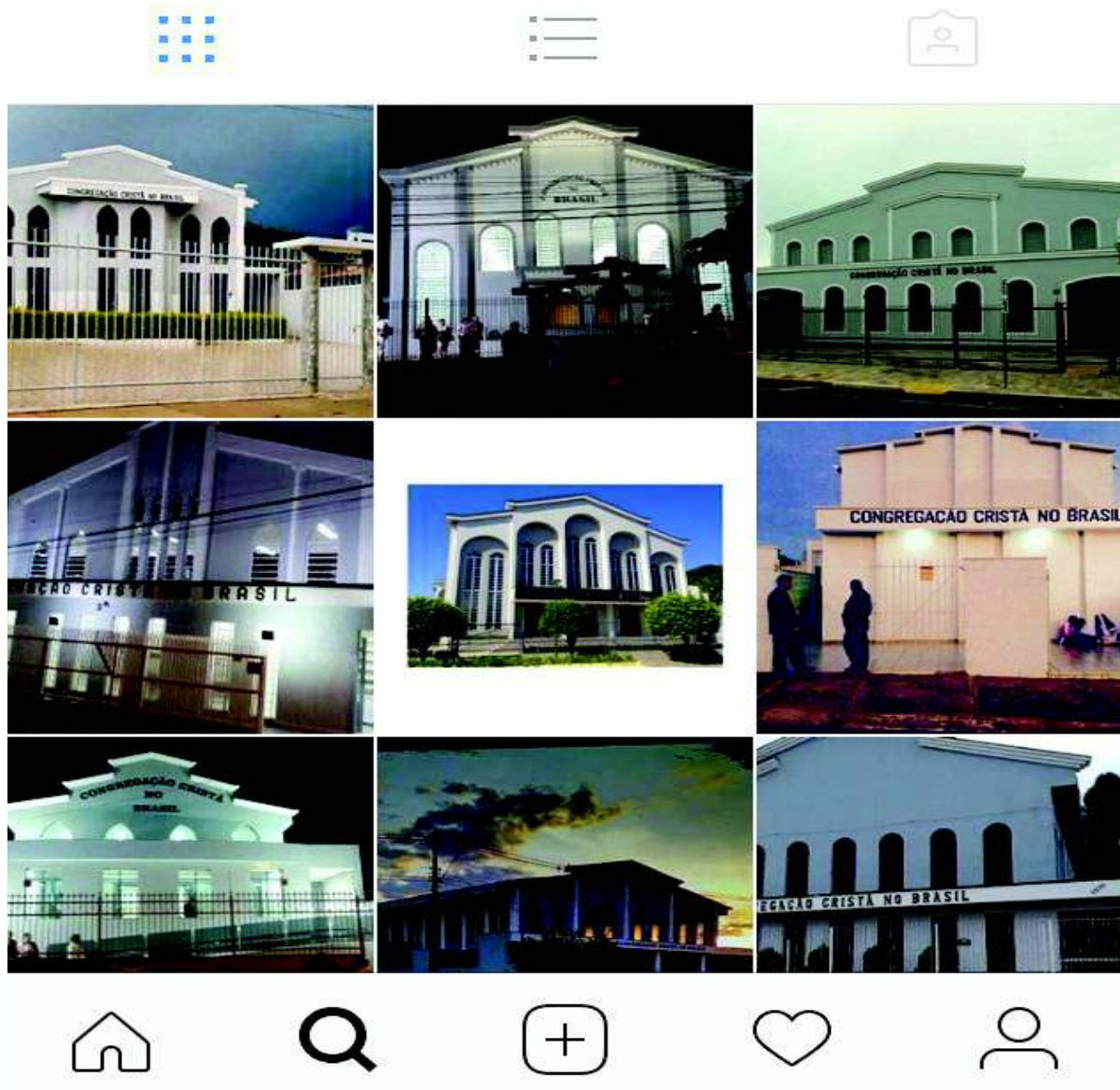
Esse aspecto da CCB demonstra uma característica de submissão aos preceitos do rigorismo legalista dos usos e costumes revestido do puritanismo com finalidade salvação (MARIANO, 1999). Entretanto, uma minoria dos indivíduos submentidos ao questionário que corresponde à 6,67% busca informações nas redes sociais e *internet*. Esse percentual mostra certa mudança de comportamento da membresia, não sendo unanimidade se manter exatamente nas exigências da tradição.



**Figura 1:** Página do *instagram* criada por membro da CCB  
 Fonte: Instagram/internet (2017).

É uma rede social denominada de *instagram*, de acesso aberto com a finalidade de alcançar um número grande de seguidores para a Instituição. Criada por um membro da CCB (Adm. Wesley Saldanha), com o intuito de demonstrar quantas fotos foram publicadas de templos no Brasil e em outros países (891 imagens de igrejas). Há o número de seguidores (25,8 mil), dando a ideia de certa abertura dos membros em participar de redes sociais. Divulga-se imagens de igrejas que atraem membros e não participantes da Comunidade.

## C C B - FOTOS DE IGREJAS



**Figura 2:** Imagens da CCB  
 Fonte: *Instagram/internet* (2017).

O modelo padrão mostra a estética dos templos. As semelhanças estão na cor, vitrais, telhado com ponta em direção ao céu. Pela padronização também se economiza com a compra de grande quantidade de material de construção que se realiza em mutirões pelos próprios membros. A estrutura reflete na identificação dos templos, nos quais os membros se sentem habituados, mesmo que visitem outras localidades. Porém, existem as igrejas maiores em caso de receberem um grande encontro anual de líderes.



**Figura 3:** Imagens e localização da CCB  
Fonte: *Instagram/internet* (2017).

Foi observado somente publicações de fotos constando a região/bairro ou cidade, no caso dessa foto, da Igreja em Goiânia. Não há sugestão de convite direto, mas apenas a título de informação de quantidade/localidade de templos espalhados pelo Brasil e no estrangeiro. Os *sites* a seguir têm essa mesma proposta, localização, endereço e horários dos cultos, contatos.

PRINCIPAL RELATÓRIO GALERIA PROXIMIDADE CULTOS ESPECIAIS E ENSAIOS BÍBLIA CONTATO

OndeCongregar.com.br

Busca Rápida

A Paz de Deus!

USUÁRIOS ONLINE

6

Bem vindo ao site **Onde Congregar**. Neste site você pode localizar as igrejas da Congregação Cristã no Brasil e seus dias de cultos. Além disso, você pode consultar os cultos nas proximidades de sua localização e adicionar comentários sobre a casa de oração que você congregou. Você pode adicionar cultos especiais e ensaios extras. Dessa forma, divulgando aos demais servos sobre o culto ou ensaio. Visamos ajudar toda nossa irmandade na localização das casas de oração espalhadas no Brasil e no Mundo, para isso, cadastramos a igreja com sua localização exata, a fim de evitar falhas dos navegadores GPS e sites com mapas. Como ainda está em desenvolvimento, novas localidades serão disponibilizadas periodicamente. Ressaltamos que podem ocorrer alterações nos dias de cultos sem nosso conhecimento, além de períodos de reforma e outros, assim, aconselhamos aos irmãos e irmãs, que antes de se dirigir a uma localidade, contate a própria igreja ou a central da cidade.

Ajude-nos cadastrando informações das igrejas, como Cooperador de Jovens, Encarregado, Ensaio, Cultos Especiais, Comentários e Fotos, para que possamos disponibilizar um relatório online cada vez mais completo.

**Deus Abençoe a todos!**

**Curtir** 10 mil pessoas curtiram isso. [Cadastre-se](#) para ver do que seus amigos gostam.

**Figura 4:** Sites sobre a CCB  
 Fonte: (www.ondecongregar.com.br) (2017).

iPad 12:41 61% ccbhinos.com.br

**CCB Hinos**  
é ccb do começo ao fim!

O melhor site da CCB, milhares de CDs,  
Mais rápido, mais seguro com mais hinos

Quero Gravar Meu CD (dom da música)  
Enviar Hinos, Tocatas e Fotos  
Notícias e Artigos da Congregação  
Coloque em seu site gratuitamente

Curiosidades | Circulares | Estatutos | Vídeos da CCB | PPS - Slides | Wallpapers CCB

Portal CCB Hinos Congregação [Selecione] [Buscar] [Cadastre-se]

**Login**  
seu usuário e senha  
Usuário [ ]  
[ ] [OK]

**Cadastre-se**  
Esqueci a senha!  
Como cadastrar  
Bíblia em inglês  
Chat (bate-papo)  
Bona da ccb  
Dúvidas  
Flog CCB  
Hinos avulsos  
Indique o site  
Informativos  
Véus / Vestuário  
CCB Parceiros  
Tópicos de ensinamentos  
Hinos menos gravados  
Últimos hinos  
Utilidades CCB  
Webmail

**Hinos Hinário**  
Todos os Cantores:  
Acordeon  
Arranjos  
Bandas  
Bona Tocado  
Cantados  
Castelhano  
Cavaquinho  
Clarinetes  
Corais  
Country  
Crianças  
Declamações  
Ensaio Regionais  
Enviados  
Espanhol  
Flauta  
Gaita  
Grego  
Harpa  
Hinos cantados  
Hinos Tocados  
Inglês  
Mensagens  
Oboé  
Orgão  
Orquestrados  
Palavras  
Piano  
Quartetos  
Sax  
Sax Alto  
Testemunhos  
Tocatas  
Trombone  
Trompete  
Viola / Violão  
Violão  
Violino  
Violino / Piano  
Vozes Parecidas

**Hinos Mids**  
Baixar os 450 hinos

**Hinos Avulsos**  
Hinos avulsos (todos)  
Últimos avulsos

País: Brasil  
Estado: GO  
Cidade: Goiânia  
Bairro: Setor-Leste-Universitário  
Endereço: Rua-217---Quadra-47---Lote-9

**Relatório CCB Online**

**Versão 2014**  
País: Brasil  
Goiânia / GO - [ver todas](#)  
Cap: 74603-090 - Setor Leste  
Universitário  
Rua 217 - Quadra 47 - Lote 9  
Dia de culto: DN 2N 6N  
RJM: DM

**Fotos no Setor Leste Universitário**  
Nenhuma Foto  
Cadastrada!  
[Adicionar Fotos](#)

**Obras ou Mensagens Ocorridas Nesta Igreja!**  
nome [ ]  
email [ ]  
 publicar email?  
obra ou comentário [ ]  
[enviar]

**Comentários e Obras**  
Nome: DEOCARDIO Enviada em 16/12/2011 - 16:15:13 E-Mail: deogastro@gmail.com  
o link do mapa de localização leva a uma rua no goiania 11 e nao para a rua 217 do leste universitario. favor verificar o erro senao muitos dos nossos irmaos que nao sao de goiania se perdera e vejo que Deus deixou esta ferramenta para servir de orientacao aos seus filhos para ir em sua busca APDD

Adicionar esta igreja aos favoritos

Mapa Satélite

**CCB Hinos**  
é ccb do começo ao fim!

Rua: Rua 217 - Quadra 47 - Lote 9,  
Cidade: Goiânia  
Estado: Goiás  
País: Brasil

Dados cartográficos ©2017 Google Termos de Uso

**Veja abaixo alguns produtos para irmãos e irmãs**

Renda Média R\$ 86,12	Renda Média R\$ 86,12	Renda Média R\$ 48,60	Véu Quadrado Infantil R\$ 35,10
Véu Redondo Renda Larga R\$ 71,50	Renda Média R\$ 52,52	Renda Média R\$ 84,72	Renda Média R\$ 44,54
Renda Média R\$ 50,00	Véu Redondo para Mocinha R\$ 51,50	Véu Quadrado Largo R\$ 71,50	Véu Redondo para Mocinha R\$ 51,50

**Notícias e artigos relacionado a CCB Congregação Cristã no Brasil**

Figura 5: Site de localização da CCB

Fonte: (www.ccbhinos.com.br/relatorio/Brasil/GO/Goiania/Setor-leste-Universitário/217), (2017).

Apesar de haver a utilização da mídia por uma pequena parcela dos fiéis da CCB, não se configura proselitismo de massa. A CCB se diferencia das demais



denominações religiosas por não proselitizar<sup>18</sup>, nem virtualmente nem fisicamente. O convite para frequentar a CCB se dá nas relações interpessoais, de amizade e familiar. A informação sugere endereços das várias igrejas espalhadas numa determinada localidade, sendo uma forma de demonstrar o melhor acesso e proximidade da residência dos fiéis.

Outra observação quanto à figura cinco é o fato de demonstrar dois aspectos identitários: hinários e véus. Artigos disponibilizados para os membros, ambos configuram uma característica marcante da denominação. A participação de homens na orquestra para os hinos e as mulheres com o véu é parte fundante da fundação da CCB.

Há uma atração, uma afinidade que legitima tais aspectos que, para Max Weber (1991), é mais que uma aproximação dos seus pares, tem a ver com formas de salvação que os adeptos acreditam. A Igreja faz essa condução para esse caminho. Os atos de culto são parte do ofício do ritual da CCB:

Em sua atuação sobre a condução da vida, o ritualismo puro não difere muito da magia e às vezes está, neste aspecto, até atrás da religiosidade mágica, na medida em que esta, em certas circunstâncias, desenvolveu determinado método bastante radical do renascimento, o que o ritualismo também conseguiu muitas vezes, mas nem sempre. Uma religiosidade de salvação pode sistematizar os atos rituais particulares, puramente formais, alcançando uma espiritualidade específica, “a devoção”, dentro da qual os ritos são praticados como símbolos do divino. Neste caso, aquela espiritualidade é o bem que salva na verdade. Subtraindo-se, resta o puro e formal ritualismo mágico, e precisamente isto ocorreu sempre de novo com toda religiosidade de devoção, devido à própria natureza dela, durante o processo de cotidianização (WEBER, 1991, p. 358).

A religiosidade dos membros da CCB estabelece sua realidade formal de vida, dentro de seu recurso socioeconômico. Os fatores que motivam os fiéis a se fidelizarem à agremiação são inferidos no questionário e nas leituras dos teóricos. O vínculo religioso faz-se pilar de proteção contra as situações mencionadas como ameaçadoras da fé.

---

<sup>18</sup> Proselitizar – Converter (pessoa) de uma crença, doutrina, causa ou fé para outra. Induzir alguém a converter-se à sua própria fé religiosa: os evangélicos proselitizam nas ruas, batendo de porta em porta (SACCONI, 2010, p. 1683).

### 3.2 Incertezas da Vida para Influências na Vinculação Institucional

A pós-modernidade com as variáveis sociais e culturais se alicerça no individualismo, na fluidez das relações geralmente efêmeras. A busca por prazer e por interesses não está imune a ser difundida na religião. A profusão de ofertas e estímulos autonomizantes podem refletir em várias denominações.

As pessoas buscam por respostas para seus anseios espirituais no mercado religioso. Diante disso, o líder religioso age para convencer a pessoa a manter-se fiel. O representante espiritual pode orientar os fiéis, devendo manter a ética religiosa, tendo ocupação com o culto e a prática das almas:

Nós chegamos a acreditar nas igrejas de toda parte que, sempre que pressionadas, insistem em que proporcionam o serviço de que necessita o irresistível impulso humano de obter respostas para as “questões fundamentais” da finalidade da vida e de aplacar os medos que se originam da ausência de uma boa resposta. Admiramo-nos, contudo: há pouco, na rotina diária, que incite essa investigação escatológica (BAUMAN, 1998, p. 210).

Os problemas da vida causam inquietações que nem sempre têm respostas nesse mundo. O homem tende a buscar meios de superação pela religiosidade. Há a preocupação do indivíduo com a morte, com as incertezas:

É lógico que só uma vez que tal mortificação tenha sido implantada como o dever do indivíduo, uma vez que a “morte cotidiana” venha a ser aceita como o preço do bom “negócio” da prometida “vida num outro mundo”, o papel do pastor, de “garantir a salvação do seu rebanho”, pode ser reconhecido, respeitado e dotado da capacidade de gerar poder. Primeiro as pessoas têm de se preocupar com a salvação pessoal, desejar a recompensa póstuma e temer a punição póstuma, precisar do pastor – e precisar dele nesta vida, dotada agora de um valor acrescido do contínuo ensaio para vida vindoura (BAUMAN, 1998, p. 210)

Os indivíduos são motivados a agir e a pensar de acordo com os dogmas da religião. Suas práticas devem se adequar a sua religiosidade, para se ter a possibilidade de obter a salvação. Diante disso, questionar as imposições pode não ter relevância alguma para os fiéis que pretendem a tradição que creem estar seguindo o objetivo da salvação.

Assim, as incertezas da vida são motivadoras de muitos exercerem seu papel na Instituição. Os membros se inserem no universo religioso e enfrentam a

complexidade da realidade pós-moderna com sua fé. As relações fluídas do meio social acompanham as inovações tecnológicas, de mídiatização e automação. Bauman (2009, p. 8) destaca que “[...] a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante”. A mesma incerteza repercute na busca dos membros por firmeza dogmática em sua instituição religiosa. Distanciar-se da efemeridade pode ser um meio de ruptura com a corrupção do mundo que reflete o ambiente profano (ELIADE, 1992).

Percebe-se que a religião pode ser defensora da escatologia transcendental e manter-se vinculada à materialidade secular. O indivíduo se vincula às ofertas de salvação ou se apega à sua autossuficiência de se concentrar na busca por experiências:

A vida após a morte claramente não pertence a essa categoria de coisas. A ideia da auto-suficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto; concentrando-se, em vez disso, em tarefas que os seres humanos podem executar e cujas consequências eles podem experimentar enquanto ainda são “seres que experimentam” – e isso significa, nesta vida (BAUMAN, 1998, p. 213).

Diante das várias ofertas dos bens de salvação, dos recursos tecnológicos e midiáticos, da espetacularização dos cultos com *shows*, da permissividade para atrair mais adeptos, característica denominada de proselitismo midiático (ações extremamente empenhadas para tentar converter várias pessoas em prol de uma doutrina, religião, convicções) o campo religioso se mostra com religiões a todo gosto. Diante disso, a CCB sugere estar ao contrário de apenas preencher a lacuna emocional, fazendo-se o único meio de salvação para os fiéis. Aponta-se como vitrine do caminho eterno.

Os membros da CCB sinalizam estarem rumo à predestinação salvífica, com o vínculo institucional pautado na tradição e na rigidez dogmática dos ritos. As crenças são fortalecidas para atrair mais adeptos para esse universo. O *lócus* agrupa fiéis que se mantêm sob a liderança religiosa, batizando-se nos requisitos da obediência.

A mensagem dos anciões leva os membros ao pensamento da unidade, da certeza da sua predestinação, dos únicos escolhidos. A incerteza causa tensão ao fiel quando o assunto é salvação x pecado, por isso adequam-se à doutrina

religiosa. Transmite-se a ideia de renúncia dos prazeres mundanos, bem como o cumprimento dos preceitos mandamentais divinos, com fim último alcançar o reino da salvação. Os participantes acreditam que sua relação com o mundo pode levá-los à perdição espiritual: mais de 90% dos fiéis responderam ao questionário dizendo da importância desse tal afastamento.

Os membros são regidos por dogmas do código de ética, a religião vem com a crescente importância social e econômica da confiabilidade da palavra dada: “[...] com a crescente importância da vinculação ética do indivíduo a um “cosmo” de deveres que tornam seu comportamento previsível” (WEBER, 1991, p. 297). Esse entendimento demonstra que o adepto se faz corpo presente para cumprir os ensinamentos, mesmo que não se entregue na totalidade ao regimento, age pensando a garantir sua salvação.

A salvação segue um padrão que deve ser cumprido para que ocorra a prosperidade financeira, o rompimento das amarras que oprimem o homem, o prestígio no meio social, a esperança da vida após a morte. Os membros da CCB se distanciam, dizem praticar comportamentos que agradam a Deus, ocorre assim

[...] uma sistematização dessas concepções éticas que abrange tanto o desejo racional de assegurar para si, mediante um comportamento agradável ao deus, vantagens pessoais externas, quanto a concepção do pecado como um poder único do antídívino em cujas mãos cai o homem, da “bondade” como uma capacidade única de disposição santa e de ações homogêneas que dela resultam e, por fim, da esperança de salvação como um desejo irracional de poder ser “bom” simplesmente, ou pelo menos, primariamente, por ter a gratificante consciência de sê-lo (WEBER, 1991, p. 302).

A relação do membro com o mundo é pensada dentro da ótica que o faz fugir daquilo que acha ser a perdição espiritual. Suas ações podem representar pecado/condenação espiritual, por isso, acha melhor se refugiar no vínculo institucional. As questões que representam ameaças à espiritualidade precisam ser sanadas para não fragilizarem os fiéis.

O distanciamento da vida espiritual é um temor constante para os fiéis da CCB. O sujeito se pontua por renunciar suas vontades, fazer sacrifícios e restrições para permanecer nos propósitos de Deus que ele acredita serem repassados pelos líderes religiosos:

A vida de auto-imolação, mortificação do corpo, rejeição das alegrias terrenas era o que a salvação, segundo seus profetas e profissionais da devoção, exigia: eles insistiam na “penitência e desprendimento de coisa terrenas tais como honra, riquezas, beleza e desejo carnal” (BAUMAN, 1998, p. 216).

Na leitura de Weber (1991), quando a divindade responde aos anseios dos fiéis, a permanência na fé, há a fidelização destes na instituição. Existem duas vertentes weberianas para tal manutenção do fiel: quando a igreja mantém o quadro teológico tradicionalista de maneira a adequar-se às necessidades deles fiéis e quando os prendem com bens para a salvação. Ambas vertentes para apropriação do poder:

Um poder concebido, de algum modo, por analogia com o homem dotado de alma, pode ser forçado, assim como o “poder” naturalista de um espírito, a estar a serviço dos homens: quem possui o carisma de empregar os meios adequados para isto é mais forte do que até mesmo um deus e pode impor a este sua vontade. Neste caso, a ação religiosa não é “serviço de deus”, mas sim “coação sobre o deus” (WEBER, 1991, p. 292).

O poder colocado pelo autor reflete na racionalidade da instituição em manter os fiéis sob seu controle. Apesar de haver a apropriação de certas benesses do mundo secular, os membros tendem a se preocupar com a doutrina para estar na ideia da predestinação. Há um choque da conduta da vida diária e da reprodução de suas condições se o homem se envolve por inteiro na concepção religiosa. Por outro lado, pode se sentir à vontade para mergulhar nos interesses terrenos se estiver somente de acordo com a tal modernidade:

A modernidade desfez o que o longo domínio do cristianismo tinha feito – repeliu a obsessão com a vida após a morte, concentrou a atenção na vida “aqui e agora”, redispôs as atividades da vida em torno de histórias diferentes, com metas e valores terrenos e, de um modo geral, tentou desarmar o horror da morte (BAUMAN, 1998, p. 216-217).

Pelo fragmento, se o homem não pensar na vida após a morte, seu comportamento pode ser voltado apenas para o aqui e agora. Perde-se os valores da fé, tendo em vista que não precisa de proteção dos meros acasos, já que sua conduta diária gira em torno da expectativa da salvação das incertezas em vida e na morte. Ele passa a estar certo de suas convicções realistas que rompem com qualquer pensamento sobre escatologia.

A preocupação com o que acontecerá depois da morte e no Juízo Final é tema bastante difundido nas igrejas. Os predestinados, desse modo, serão os que se manterem fiéis aos ensinamentos até o fim. Seguindo a fé, tem-se a estabilidade e o equilíbrio psicológico advindos com a espiritualidade. A fragilidade do fiel é ultrapassada para a felicidade. Afinal, o mundo em si gira em torno de incertezas, mas a fé pessoal posiciona e sustenta o fiel:

[...] a incerteza concentrada na identidade não precisa nem das benesses do paraíso, nem da vara do inferno para causar insônia. Está tudo ao redor, saliente e tangível, tudo sobressaindo demais nas habilidades rapidamente envelhedoras e abruptamente desvalorizadas, em laços humanos assumidos até segunda ordem, em empregos que podem ser subtraídos sem qualquer aviso, e nos sempre novos atrativos da festa do consumidor, cada um prometendo tipos de felicidade não experimentados, enquanto apagam o brilho dos já experimentados (BAUMAN, 1998, p. 221).

Todos vivem nessa realidade contemporânea, porém cada um busca se firmar como um ser que precisa se manter neste contexto. A criação de vínculos firma o sujeito a pensar em superação e proteção das mazelas do mundo. Apesar de viver na “vida líquida” com as inovações, a pessoa consegue estabilizar-se com seus valores e crenças.

A vida com seus fatores instáveis, como foi mostrada no levantamento socioeconômico dos membros, não é capaz de fazer o indivíduo desistir de sua fé, pelo contrário, pode o fazer aproximar-se mais de sua religião. Mesmo que se tenha notado que a vida financeira é uma constante preocupação dos fiéis.

Weber (1991) discute sobre a ação do sujeito que reflete sobre suas escolhas. O indivíduo segue a ética religiosa como o caminho para obtenção de salvação, geralmente, a posição econômica do homem o faz buscar por tal salvação. Alguns podem achar que não precisam de Deus, outros que já são abençoados pela riqueza, vendo-se “salvo”. Afinal, a riqueza é um estado de graça aprovado e reconhecido em várias religiões protestantes, como demonstra a história da CCB, com suas características de cunho ascético e pietista de tendência racioanlizada/capitalista.

Isso causa certo estranhamento de críticos, já que o objetivo ali é levar o homem à salvação. A agremiação arrebatava seus fiéis para trilharem o caminho do céu. A instituição pode ser o local da relação dos fiéis com o ser divino:

A ânsia pela salvação, qualquer que seja sua natureza, é de interesse especial, na medida em que traz consequências para o comportamento prático na vida. Esse rumo positivo e mundano é dado de modo mais intenso pela criação de uma “condução da vida” especificamente determinada pela religião e consolidada por um sentido central ou um fim positivo, isto é, pela circunstância de que surge, a partir de motivos religiosos, uma sistematização das ações práticas em forma da orientação destas pelos mesmos valores. O fim e o sentido desta condução da vida podem estar dirigidos puramente ao além ou, também, pelo menos em parte, a este mundo (WEBER, 1991, p. 357).

O desejo que se interessa pela salvação promove a motivação individual. A comunidade religiosa é o fenômeno que se estabelece como *lócus* a concentração de fé. Desse modo, a CCB demonstra ser o refúgio simbólico do campo religioso para o exercício dessa busca por salvação.

### **3.3 A Comunidade como Refúgio Simbólico para os Membros**

A congregação é a caracterização da religião dos profetas, se sua palavra profética tem êxito vai atrair seguidores fiéis, proporcionando-lhes o refúgio simbólico que se apresenta com a missão de leva-los à salvação; “[...] por isso, tanto podem unir-se de vez em quando para ações ocasionais quanto encontrar-se associados de forma permanente na comunidade de fiéis, a congregação” (WEBER, 1991, p. 310). A comunidade no sentido religioso surge da profecia como produto da vida cotidiana,

[...] quando ou o próprio profeta ou seus discípulos asseguram a continuidade da revelação e da administração da graça, garantindo assim também, de modo permanente, a existência econômica desta última e de seus gerentes, e monopolizando em seguida, em relação àqueles que são obrigados a cumprir os respectivos deveres, também determinados direitos (WEBER, 1991, p. 311).

O culto da CCB é regido pelo dom da revelação do ancião que faz a obra juntamente com membros cooperadores. O aspecto dogmático religioso impositivo mostra-se como comunidade de refúgio simbólico. Como pesquisadora observadora fiz observações quanto à busca pela CCB, os adeptos a veem como um lugar seguro para compor a sua vida, a tradição com sua rigidez proporcionam tais sentimentos. Por ela, buscam o equilíbrio, a proteção e a salvação. Os participantes

da pesquisa, conforme Carolina Lemos (2012), busca tecer o conceito de comunidade e valorar o termo:

[...] com qual conceito de comunidade as pessoas operacionalizam o seu cotidiano? É possível perceber nessas concepções alguma referência à crenças e práticas religiosas? Que desafios o conceito de comunidade utilizado pelas pessoas coloca à sociologia da religião no momento atual? (LEMOS, 2012, p. 67).

Tal conceito mostra-se complexo e de difícil definição, surgindo algumas indagações como ponto de partida. A questão sociológica está envolta da comunidade religiosa, situada como refúgio, proteção e lugar de acolhimento, mostrando-a como fenômeno social que pode ser diferente uma da outra. Cada instituição adere a um conceito próprio para delimitar-se, refletindo seus dogmas na prática de fé dos adeptos.

Na descrição de Bauman (2003, p. 7), a comunidade remete a “[...] uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”. Já para Lemos (2015), apesar de a comunidade ter o princípio norteado pelo acolhimento e aconchego, existe uma polarização, uma tensão na comunidade, que se configura em dois polos: de um lado, a segurança, do outro lado, a liberdade. Se o indivíduo escolhe a proteção, ele abre mão da benesse liberdade e vice-versa.

Esse dualismo pôde ser visto nas respostas dos questionários. Contudo, os membros buscam a CCB como fonte de proteção, e a Comunidade dita as regras para haver o distanciamento do mundo, refletindo, de certa forma, no cerceamento de tais liberdades:

Há um preço a pagar pelo privilégio de “viver em comunidade” – e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada “autonomia”, “direito à auto-afirmação” e “à identidade”. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra (BAUMAN, 2003, p. 10).

A vida dos membros da CCB segue a abordagem de aproximação do sagrado e da fuga do profano. A prática de fé assim enseja no que Eliade (1992) explica sobre o sagrado *versus* profano. A submissão é necessária para tal aplicação de afastarem do mundo.



Até a participação numa pesquisa como esta, causou estranhamento de muitos que se declaram temerários por fazer algo que não fosse autorizado pelo líder religioso. Os membros se mostram direcionados em suas escolhas, viagens, negócio e casamento. O ancião concede ou não o pedido, sendo esta a liberdade fiel: ter a autorização que o faz sentir distanciado do pecado, portanto, do mundo.

As respostas deles na pesquisa podem transparecer pontos positivos e negativos de sua motivação de fé: de um lado, demonstram indícios da privação de algumas liberdades; de outro, podem ser orientados a observarem o que convém para beneficiar sua vida. O indivíduo almeja tanto os aspectos de liberdade quanto da segurança, mas torna-se difícil tal interação, por isso, ponderando o que é de fato importante para sua segurança:

A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança. Mas segurança sem liberdade equivale a escravidão (e, além disso, sem uma injeção de liberdade, acaba por ser afinal um tipo muito inseguro de segurança); e a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado (e, no limite, sem uma injeção de segurança, acaba por ser uma liberdade muito pouco livre) (BAUMAN, 2003, p. 24).

A afirmação do autor infere pensar sobre essa tal segurança: se está numa placa denominacional, se está na fé em Deus. Se a pessoa acreditar que é a instituição A ou B que a salvará de seus males, não estará sua fé firmada única e exclusivamente no nome de sua comunidade? É cabível refletir que se Deus está num único lugar, todos os demais estão perdidos se não frequentam aquele lugar?

Importante ressaltar a Função Social de Calvino (seu legado para a sociedade – de justiça social, igualdade do ser humano, da crença na autenticidade da fé humana, da nobreza do trabalho e dos frutos a sua riqueza e conseqüentemente a sua salvação), informações extraídas de um artigo da Mackenzie, com isso, as associações significativas entre Calvinismo e Capitalismo. Valorou o ensino bíblico, como pilar para entender a Bíblia, incentivando a formação de pastores na educação de seus fiéis na palavra. Acreditava que a interpretação da Bíblia tinha que caminhar juntamente com a fé, e que através da Bíblia os fiéis teriam o verdadeiro encontro com Deus. Análise diferente da denominação ora pesquisada a CCB, quanto ao estudo bíblico.

A sociedade do mundo moderno estava em grande período de anomia, crises em decorrência da insegurança social e econômica, da carência ou ausência de normas sociais (valores morais), o papel principal de Calvino foi desempenhar melhoras na esfera social. Ao compreendermos a ideologia calvinista podemos deduzir a religião como pilar de parâmetros comportamentais. Weber afirma que o ser humano em suas interações com os demais membros da sociedade são impulsionados por valores, com destaque a religião. A religião representa uma proteção aos homens contra a desorganização e o caos no mundo. No artigo da Mackenzie (p. 145), discorre que após a publicação do livro de Max Weber *A Ética Protestante e o Capitalismo* ocorreram muitas associações significativas entre Calvinismo e Capitalismo. Conforme as afirmações de Weber no artigo da Mackenzie

a teologia calvinista ao acentuar a predestinação, levava os crentes a buscarem com ansiedade os sinais de sua eleição divina, através do sucesso nos negócios; porém, deve-se deixar bem claro que Calvino não fez nenhuma associação entre o sucesso material, as riquezas e a posição do indivíduo diante de Deus. Calvino enfatizava sempre que a doutrina da predestinação fundamentava-se na crença que o destino do homem repousa nas mãos infalíveis de Deus, na soberania de Deus. Calvino entendia as riquezas como bênção de Deus e que deviam ser compartilhadas com todos os necessitados, com toda a comunidade. Salienta-se, em Calvino, a preocupação com programas de assistência social urbanos, sensível que era a causas estruturais do desemprego e à necessidade de melhor formação profissional, e ressaltava também a responsabilidade pública na prevenção e ajuda à pobreza (p. 145).

Calvino primava pela defesa da consciência individual, mesmo diante da avalanche de novos segmentos religiosos (pluralismo religioso, cultural e social), e por consequência conflitos desta natureza eram constantes, era difícil a convivência com tantos ideais alternativos e concorrentes no passado, não muito distante da realidade atual. O pluralismo político propiciou a necessidade de valorização de direitos da consciência individual, com a perspectiva de um crescimento de um *ethos* democrático. É sabido que até a Idade Média os dignos de salvação somente eram aos do corpo eclesiástico e sacerdotal, posteriormente a classe trabalhadora, a nobreza, foi inserida no rol de pessoas que auxiliam na construção da comunidade humana, eram vistas também como agradáveis a Deus. Em tese, a justificação da doutrina da salvação pela graça de Deus nos moldes da CCB, sugestiona que a predestinação assim seria apenas jogo de *marketing* para gloriar o *slogan* da

instituição CCB. A liberdade do homem em seguir sua fé pode então cerceá-lo a ponto de fixar-se num ponto, crendo que ali terá sua segurança. As indagações propostas têm a pretensão de colocar em discussão as condutas éticas individuais, coletivas e institucionais sobre uma clientela religiosa que se motiva e inspira-se em preceitos dogmáticos para buscar por salvação, retratando assim a subjetividade humana em relação à predestinação:

A predestinação proporciona ao agraciado o máximo de certeza de salvação desde que ele esteja convencido de pertencer à aristocracia de salvação dos poucos eleitos. Mas o indivíduo precisa de sintomas da posse desse carisma incomparavelmente importante, uma vez que a incerteza absoluta não pode ser suportada por muito tempo. Como Deus condescendeu em revelar pelo menos alguns mandamentos positivos referentes às ações que lhe agradam, tais sintomas só podem consistir na comprovação aqui decisiva – como para todo carisma religiosamente ativo – da capacidade de colaborar como instrumento de Deus no cumprimento deles, e isto de modo contínuo e metódico, pois a graça é algo que se possui ou sempre ou nunca. Pouco importam as faltas isoladas – que ocorrem ao predestinado, por ser criatura, como a todos os pecadores; o que dá a certeza da salvação e da perseverança da graça é saber que não é dessas faltas, mas do agir desejado por Deus, que nasce a relação íntima e autêntica com Deus, originada da misteriosa relação de graça, portanto da qualidade central e constante da personalidade. Por isso, em lugar de levar à consequência aparentemente “lógica” do fatalismo, a crença na predestinação justamente ensina seus adeptos mais coerentes a terem os mais fortes motivos imagináveis para agir segundo a vontade de Deus (WEBER, 1991, p. 383).

A certeza de salvação é algo transcendental de qualquer denominação. No entanto, a CCB se institui como a única legitimada para essa mensagem. Em sua particularidade, não cobram ofertas e nem dízimos, mesmo assim, expande-se por conquistar a cada ano mais fiéis. Os adeptos se reúnem para cultuarem seus dogmas. Sentem o mesmo sentimento de estarem acolhidos nessa comunidade. Sugestionam ser de uma clientela perfeita destinada à tal salvação por terem feito a escolha perfeita, ou seja, fidelizaram-se pelas motivações já declaradas: refúgio, proteção, segurança e salvação. Assim, o crescimento da CCB, mais especificamente no município de Goiânia, teve sua expressividade, como também se pode perceber pelos anexos, retirados da fonte IBGE. O fenômeno desperta estudos sobre sua sistemática por representar uma grande parcela dos cristãos no meio religioso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pós-modernidade entre outras tantas variáveis se alicerça no individualismo, na busca pelo prazer e na descartabilidade material. No plano religioso, a realidade não está imune a essa profusão de ofertas e estímulos autonomizantes. Contudo, apesar de o campo religioso oferecer grande variedade de credos, de acordo com o “gosto do freguês”, muitos indivíduos buscam por respostas existenciais e espirituais no mercado religioso.

O que está fora da proposta religiosa é algo (des)institucional que rompe com o convencional e busca se promover como atrativo mercadológico. Contudo, os fiéis dessa agremiação seguem seus dogmas de maneira firme nos propósitos da escatologia da salvação da sua membresia pautada na retidão, não possibilitando abertura à inovação. Não há preocupação em adequar ao movimento do mundo e as novas dinâmicas da sociedade.

A pesquisa empírica sugere as respostas dos anseios e das motivações dos membros que frequentam e defendem a denominação. Outra metodologia inviabilizaria tais buscas de análises por falta de estudos específicos sobre essa igreja. Desse modo, a pesquisa centrou-se mais no aspecto de campo, por meio dos membros da denominação que poderiam trazer maiores esclarecimentos dos objetivos propostos inicialmente.

A realidade em que o sujeito não se orienta apenas valorativamente pelas instituições religiosas, percebe-se um ajustamento de muitas religiões quanto às suas ofertas visando atender às novas aspirações do mercado. Assim, sectarismo, rigorismo e disciplinamento, apregoados por algumas religiões nas suas mais amplas acepções espirituais, tendem a ser mudados por novas concepções do homem com o sagrado.

Nesse panorama de possibilidades, as denominações religiosas, desde as tradicionais às menos conservadoras, são as vezes confundidas umas com as outras.

Para muitos a vida em sua dimensão essencialmente humana e material, é ameaçadora e enganosa. Contudo, viver sem as fruições da vida também não é um exercício fácil, quando os prazeres da mesma se concentram nesse plano, colocando em jogo a salvação além dela. Esse pensamento também pode ser

apresentado aos fiéis, enfocando nos valores e preceitos tradicionais. Com isso, a ideia é dar proteção aos membros contra os diferentes dogmas no mundo. Dessa forma, a CCB contrasta-se com as outras denominações pentecostais, de caráter aberto ao jogo do mercado.

A relevância em pesquisar a CCB mostra a possibilidade de uma aproximação com seu universo religioso, para muitos, desconhecido. Tal abertura se deu por meio dos membros, possibilitando a percepção do relativo ao paradoxo entre a tradição e as novidades do mercado religioso que a CCB experiencia. Essa denominação religiosa possui características pietistas e puritanistas, concepções religiosas trabalhadas por Max Weber, marcadas por ideais calvinistas na formação e no balizamento de valores exigidos pela comunidade religiosa, como garantia da salvação.

A investigação da CCB mostrou as estratégias de motivação e fidelização dos fiéis para se manter crescendo mesmo em contexto de efervescências de outros movimentos religiosos concorrentes dela. O objetivo de expor a importância do fenômeno para a compreensão desse campo religioso brasileiro foi alcançado, frente ao crescimento à manutenção dos seus membros no âmbito regional de Goiânia.

A resposta às indagações do fenômeno religioso em voga foi fornecida conforme a observação empírica dos membros e frequentadores. Com a utilização do método *survey* do questionário aplicado, o resultado observou a origem histórica da tradição da CCB. Seu expansionismo ocorre por suas crenças que defendem a salvação, mostrando-se como refúgio e proteção para os seguidores.

O resultado alcançado na observação das motivações individuais numa perspectiva socioeconômica detectou a manutenção, a fidelização e os vínculos dos fiéis, mantenedores do seu crescimento frente a sua concorrente no mercado religioso, subentende ser uma forma de refúgio simbólico, pelo que a oferta da CCB é destinada a um público específico que naturalmente irá elegê-lo dentre as demais opções.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. Pentecostalismo Clássico. Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus: construção e identidade. In: DIAS, Zwinglio Mota. et al. (Orgs.). *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais*. São Paulo: Fonte, 2013. p. 167-187.

AMARAL, José Marques do. *A igreja do véu: igreja ou heresia? Toda a verdade sobre a Congregação Cristã do Brasil*. Goiânia: Edição do autor, 2002.

ALMEIDA, Vasni de; Saraiva, Sueli da Silva Ferraz. Ritos, rituais e recomendações na Igreja Congregação Cristã no Brasil. *Revista Perspectiva Histórica*, Araguaína, TO, jan. / jun., 2015. Disponível em: <<http://perspectivahistorica.com.br/revistas/1434222483.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

BABBIE, E. *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafio para o século XXI*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISAS. *Curso de apologética nível 1 congregação cristã no Brasil*. São José do Rio Preto, SP: CACP, 2008. Disponível em: <<http://www.mmgr.com.br/sge/elearning/publicacoes/ccb.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

DAMIÃO, Regina T.; HENRIQUES, Antonio. *Curso de português jurídico*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2000, p. 276.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Coord.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GEERTZ, Clifford. *Uma luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Religião e tecitura da vida cotidiana*. Goiânia: PUC Goiás, 2012.

LE MOS, Carolina Teles. *A racionalidade moderna no pensamento de Max Weber: religião e sentido da ação na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

LOWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Revista Plural*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira. *Estudos de Religião*, v. 24, n. 39, p. 122-163, jul./dez. 2010.

MOREIRA, Alberto da Silva; TROMBETTA, Pino Lucà (Orgs.). *Pentecostalismo globalizado*. Goiânia: PUC Goiás, 2015.

PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues (Org.). *Religião e mídia*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017.

*Reflexos Sociais do Calvinismo*. [ S.l.: s.n.: s.d.]. Artigo científico. Disponível em <[http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes\\_-\\_artigos/liberal\\_9.pdf](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes/_artigos/liberal_9.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2018.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade*. Tradução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro. Record, 2004.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 1991.

WIRTH, L. E. Protestantismo brasileiro de rito luterano. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 68-77, set./nov. 2005.

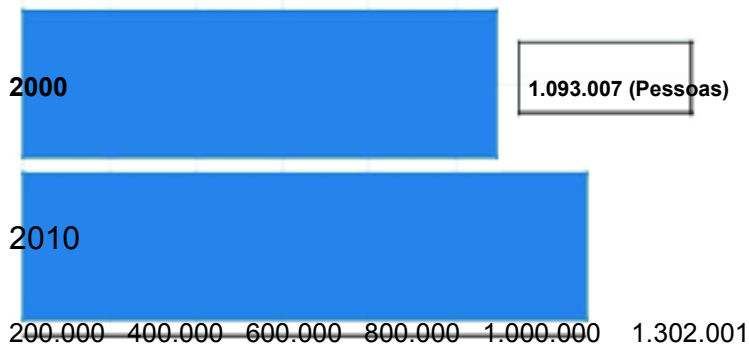


## ANEXOS

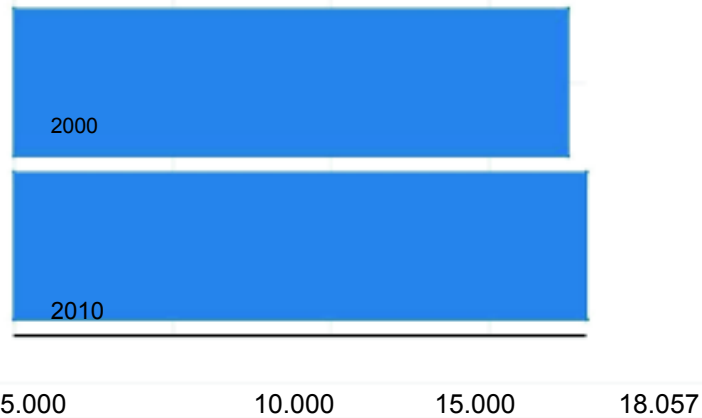
Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião

- Município Variável = População residente
- Cor ou raça = Total
- Ano

Religião - Total

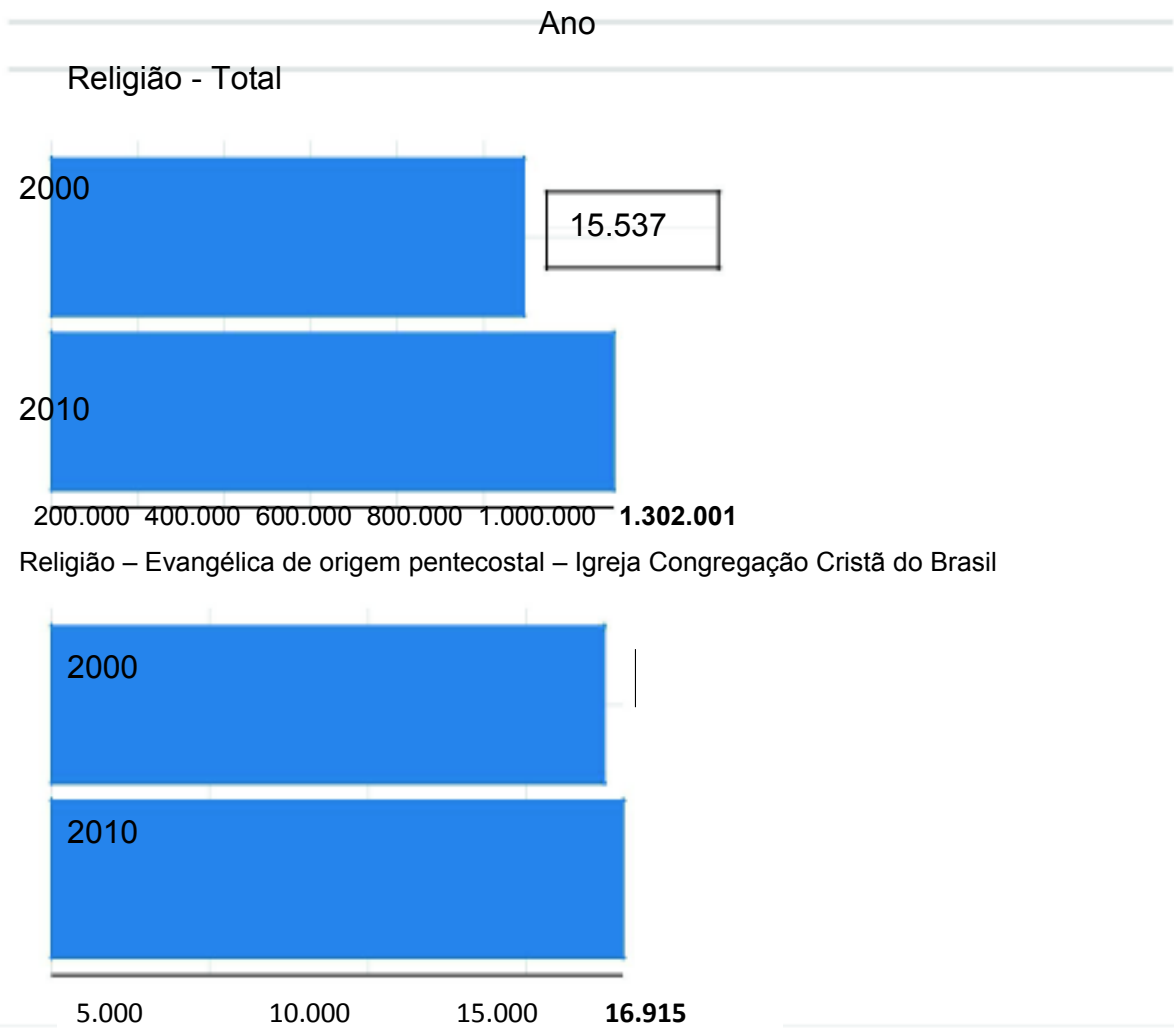


Religião - Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus



Fonte: IBGE (2017).

Tabela 2094: População por cor ou raça e religião  
Município = Goiânia  
Variável = População Residente  
Cor ou raça = Total



Fonte: IBGE (2007).

Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião		
Variável - População residente (Pessoas)		
Município - Goiânia (GO)		
Cor ou raça – Total		
Religião	Ano	
	2000	2010
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Congregação Cristã do Brasil	15537	16915
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	17453	18057
Fonte: IBGE - Censo Demográfico		

Fonte: IBGE (2017).

A intenção não é fazer um quadro comparativo entre a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) com a igreja CCB, e sim demonstrar através destes gráficos em anexo acima, que uma igreja de recursos midiáticos e de automação, com aparato tecnológico e proselitista, cresceu na mesma proporção que a Congregação Cristã no Brasil, aqui no município de Goiânia, mesmo não se apropriando da midiatização e proselitismo. Esclarecer que ambas denominações não são concorrentes no mercado religioso.